



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS – DCET
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

GABRIELA JADE NOVAIS DA SILVA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA NA
EPJAI DE PIRIPÁ/BA

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

GABRIELA JADE NOVAIS DA SILVA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA NA
EPJAI DE PIRIPÁ/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Campus Vitória da Conquista – BA, para obtenção do título de Licenciada em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA NA
EPJAI DE PIRIPÁ/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Matemática. Aprovada em: 21 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva (UESB – DCET)
Orientador

Profa. Ma. Bárbara Cunha Fontes (UESB – DCET)

Profa. Ma. Evaneila Lima França (SME – IPIAÚ/BA)

Vitória da Conquista, 21 de dezembro de 2023.

*Dedico este trabalho aos meus pais,
Eloísa e Elias. Sem vocês nada
disso seria possível, eu não teria realizado
o meu maior sonho. Senti o amor e cuidado
incondicional de cada um, todos os
dias durante esses anos.
Vocês são a minha fonte inesgotável de força.
Enfim, vencemos!*

AGRADECIMENTOS

Encerro aqui mais um ciclo da minha vida e, se eu dissesse que chegar até aqui foi fácil, estaria mentindo. Foram dias de angústia, ansiedade e preocupação, uma greve logo no início, mais adiante uma pandemia, por diversas vezes, achei que não concluiria o curso, mas aqui estou eu. Apesar dos percalços enfrentados, esta, sem dúvidas, foi a fase mais especial da minha vida. Vai muito além da obtenção de um título. É a realização de um sonho. Abracei as oportunidades que meus pais não tiveram e, hoje, comemoramos juntos, uma vitória que não é só minha, mas de todas as pessoas que dividiram esse caminho comigo e estiveram ao meu lado contribuindo com o meu crescimento pessoal e profissional.

Foram quatro anos e meio de caminhada e, durante esse período, fui feliz, chorei, me decepcionei, sorri diversas vezes, viajei, tive medo e estudei muito. Conquistei amigos que quero levar para a vida, convivi com pessoas especiais, me aproximei e me afastei de tantas outras, mas quando olho para trás, não há possibilidades de não ser grata, pois foram pessoas que marcaram a minha trajetória de forma singular. Dessa forma, expresso com muito carinho a minha gratidão:

Começo agradecendo, primeiramente, a Deus, por me abençoar e proteger durante todo esse processo. Só Ele sabe das noites mal dormidas, das lágrimas no caminho para UESB, dos pulinhos de alegria depois de uma aula que deu certo! Obrigada por ter me sustentado, por não me deixar desistir todas as vezes que eu acreditava que não era boa o suficiente para chegar aqui, meu Senhor. Sou grata por tudo que me permitiu viver, por nunca me desamparar, mesmo eu sendo tão falha. Nossa Senhora, obrigada por sempre me acolher em seu colo de mãe, por interceder por mim todas as vezes que eu pedi e, até mesmo, quando eu não precisava dizer nada.

Agradeço, especialmente, à mainha e painho, Eloísa e Elias, que foram minha fonte de força e maior motivação durante esses anos. Sem vocês nada disso seria possível, nada teria dado certo. Obrigada por todas as orações, pelas ligações todas as noites para saberem dos meus dias, todo apoio emocional e por entenderem a minha ausência, sei o quanto a saudade machucou em momentos importantes. O amor incondicional que recebi de vocês transformaram a minha vida, gratidão por tanto! Amo vocês infinitamente.

Ainda no âmbito familiar, agradeço aos meus irmãos, Jaylson, Régis e Elvis, pela preocupação, pelo apoio, por sempre acreditarem e se orgulharem de mim. De maneira especial, agradeço a Régis, por ter me dado os melhores presentes da minha vida, minhas

sobrinhas e afilhada, Anny e Analu (*in memoriam*) e Ester. Amo vocês com todo o meu coração. A passagem das gêmeas por este plano foi breve, no entanto, nossos momentos foram tão intensos que parece termos vivido uma vida inteirinha juntas, sei que me acompanharam em cada etapa, sinto vocês aqui comigo sempre. Ester, dindinha é muito grata por ter você, por tu ser uma criança incrivelmente carinhosa, que transborda tanto amor, obrigada por me fazer feliz e amada!

Beatriz, minha amiga, sou grata pela sua amizade. Apesar dos muitos quilômetros de distância, você sempre se fez presente e foi uma das minhas maiores incentivadoras. Obrigada por cada conselho, pela escuta, por me deixar compartilhar minhas tristezas e alegrias, nunca me esquecerei de todas as palavras cheias de afeto. Gratidão por não deixar que eu desistisse desse sonho, por vibrar comigo todas minhas conquistas e ser luz. Sou muito feliz por ter você!

Agradeço a Viviane, por ter sido abrigo nos dias frios e ensolarados, não existem palavras que descrevam tudo o que você foi para mim durante a graduação, principalmente, no último semestre. Obrigada pelo cuidado, amiga, por não medir esforços para me tirar do fundo do poço. Você é incrível! Obrigada por segurar a minha mão e nunca soltar, por compartilhar tantos momentos, confiar em mim e por comemorar comigo cada etapa vencida. Vencemos!

Ao meu querido professor e amigo, Gerson, muito obrigada! Sei que já falei várias vezes para ti que minha vida é mais colorida desde que você chegou, mas volto a repetir! Seu cuidado fez com que eu repensasse sobre muitas coisas, obrigada por isso. Você é uma das pessoas mais lindas que eu já conheci, gratidão pelo coração imenso, pela troca, por ser professor, amigo, “mãe”, confidente, por ser exemplo! Sua trajetória me inspira.

Taíde, agradeço por ter sido tão amiga e parceira durante esses anos, obrigada pelos momentos felizes que passamos juntas e por ofertar seu colo nos dias difíceis. Lembrarei sempre, com muito carinho, de cada conversa e conselho no caminho para casa. Você é muito especial! Sempre irei torcer pelo seu sucesso.

Levarei sempre no coração a amizade com Thiago e Guilherme, aprendi muito com vocês sobre o amor ao próximo, muito obrigada! Vocês me tiraram boas risadas nesse período, obrigada pela companhia. Demonstro minha gratidão ainda, à Bruna, Bianca e Larissa, minhas amigas de infância, que sonharam esse sonho comigo e, mesmo de longe, torceram muito por mim. Senti o carinho de vocês em cada mensagem, em cada abraço depois de vários meses sem nos vermos, obrigada por sempre estarem ao meu lado.

Lucas, sou muito grata pelos seus conselhos, por segurar minha mão em um momento difícil e dizer que era possível, que eu conseguiria ir até o fim. Você não imagina o quanto suas palavras tiveram um efeito transformador nessa fase, muito obrigada por ouvir meus desabaços até tarde da noite, por estar ali presente mesmo com tanto trabalho. Agradeço pelos abraços apertados e em silêncio que transmitiam paz e cuidado.

Aos meus amigos do Colégio da Polícia Militar, Ayalla, Patrick, Camila, Ramon e Zeca, agradeço pelo incentivo, por sempre me acalmarem quando a ansiedade tomava conta de mim e também, por tornarem esses últimos meses mais leves. Meu muito obrigada também, à Martinha, que me compreendeu tão bem nos dias em que eu precisava faltar no estágio para focar na escrita deste trabalho e por sempre me tratar com tanto cuidado.

Agradeço a Thallis e Iury, meus companheiros de apartamento durante todos esses anos. Gratidão por não medirem esforços para me ajudar quando as coisas saíam do planejado. Thallis, obrigada pelas conversas profundas sobre fé nos sábados à tarde, por vezes, foram esses momentos que me tiraram do fundo do poço e me deram ânimo para continuar firme.

À minha prima, Viviane, agradeço por sempre torcer por mim, por estar sempre a minha disposição quando eu precisei de algo. Lembro-me com muito afeto das vezes que você saía cansada do trabalho e mesmo assim, corrigia minhas redações. Minha aprovação no vestibular teve muito de você. Gratidão!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jonson, a minha gratidão por ter me aceitado como orientanda, agradeço pelas risadas e bons momentos que tivemos, que foram além do meio acadêmico. Obrigada por sempre me incentivar nas escritas, publicações e participação em eventos, pela confiança que depositou em mim e pela compreensão quando as coisas não estavam indo tão bem. Você é especial!

Minha gratidão à Profa. Ma. Adriana, que com sua prática cheia de amor, despertou em mim, o desejo de ser professora de matemática. Você sempre foi fonte de inspiração, Drica. Obrigada por ter aceitado participar da minha pesquisa, ter cedido seu tempo e sua turma para que eu produzisse os meus dados. Gratidão pelas sugestões e por sempre torcer pelo meu sucesso.

Agradeço ao Colégio Estadual de Piripá por estar sempre de portas abertas para mim, por ter permitido que eu retornasse para fazer minha pesquisa. Aos meus professores da Educação Básica, em especial, à Verônica, Leiliane, Lílian, Vágner e Vanessa, o apoio de

vocês foi fundamental para eu não perder de vista o meu sonho. À turma da EJA Juvenil, meu muito obrigada pelas contribuições, sem vocês esse estudo não teria sido produzido.

Meu muito obrigada ao Grupo de Articulação, Investigação e Pesquisa em Educação Matemática (GAIPEM), docentes e colegas da graduação, com os quais eu muito aprendi e pude compartilhar momentos de estudos e discussões. Cada um de vocês, passaram pelo meu caminho e plantaram sementinhas de aprendizado, de afeto, algumas de frustrações, mas todos, regaram a sementinha do fazer docente, me ensinando como trabalhar em equipe. Gratidão!

Agradeço ainda, às educadoras membros da banca examinadora deste trabalho, Profa. Ma. Bárbara e Profa. Ma. Evaneila, pelas considerações, sugestões e por se debruçarem com tanta atenção para leitura desta pesquisa. As discussões e conselhos sobre a escrita foram essenciais para conclusão do estudo, como também para minha formação como pesquisadora.

Aos educandos que passaram pela minha vida durante esse percurso, levo cada um de vocês no coração. Muito obrigada por me ensinarem a ser e me tornar professora. Gratidão!

Por fim e não menos importante, minha gratidão a UESB, instituição, na qual, eu tenho muito orgulho de fazer parte. Agradeço também a todas as pessoas que não foram citadas aqui, mas contribuíram, direta e indiretamente, para que esse sonho se tornasse real, muito obrigada!

*Não fui eu que lhe ordenei?
Seja forte e corajoso!
Não se apavore, nem se desanime, pois
o Senhor, o seu Deus,
estará com você por onde você andar.
Josué 1:9*

RESUMO

Por meio da presente pesquisa objetivamos responder a seguinte questão: Qual o papel da Educação Financeira Crítica (EFC) na formação de educandos da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI)? Tencionamos ainda, investigar como acontece o trabalho com a EFC no contexto da EPJAI, especificamente, mediante a identificação dos diálogos emergentes a partir da temática abordada, a análise das relações existentes entre Educação Financeira (EF) e Educação Matemática Crítica (EMC) no contexto observado e da compreensão do papel da EFC na vida dos educandos na perspectiva dos educadores. Para fundamentação, apoiamos-nos em aportes teóricos que contemplam as temáticas centrais deste trabalho: EF, EMC e EPJAI. Destarte, a metodologia adotada para realização do estudo é de cunho qualitativa e, como instrumentos para produção dos dados, utilizamos a observação participante, entrevista semiestruturada e questionários. Ressaltamos que, os dados foram produzidos durante uma aula de EF, na turma do EJA Juvenil do Colégio Estadual de Piripá e teve como participantes da pesquisa, os educandos da EPJAI e uma educadora matemática. Os resultados demonstraram que visualizássemos os diálogos emergentes a partir das temáticas trabalhadas estes demonstraram que cada um dos educandos, têm experiências e vivências sobre o mundo financeiro, que devem ser ouvidas e consideradas. Ademais, podemos perceber as relações existentes entre EF e EMC, quando os sujeitos investigados, foram convidados a questionar, refletir e avaliar seus comportamentos financeiros, visto que, a EMC contribui junto a EF quanto a tomada de decisões, autonomia e empoderamento financeiro. Outrossim, ficou evidenciado que a EFC desempenha um papel importante na vida dos educandos, se revelando como um processo que os capacita para serem confiantes ao lidarem com assuntos financeiros, ajudando-os a entenderem princípios de gestão consciente do dinheiro. A pesquisa demonstrou ainda, que existem desafios quanto a inclusão da EFC no ambiente escolar, um destes é devido a ausência de formação para os profissionais atuantes na área. Frente ao exposto, o estudo nos direciona para um lugar de reflexão, visto que, é necessário (re)pensarmos a nossa prática pedagógica no contexto da EPJAI, visando contribuir com a formação cidadã dos jovens, adultos e idosos.

Palavras-Chave: Educação Financeira. Educação Matemática Crítica. Prática Pedagógica. Diálogos.

ABSTRACT

Through this research we aim to answer the following question: What is the role of Critical Financial Education (CFE) in the training of students in the Education of Young, Adult and Elderly People (EPJAI)? We also intend to investigate how the work with EFC happens in the context of EPJAI, specifically, through the identification of emerging dialogues based on the theme addressed, the analysis of the existing relationships between Financial Education (PE) and Critical Mathematics Education (CME) in the context observed and understanding the role of OBE in the lives of students from the perspective of educators. For justification, we rely on theoretical contributions that cover the central themes of this work: EF, EMC and EPJAI. Therefore, the methodology adopted to carry out the study is qualitative in nature and, as instruments for data production, we used participant observation, semi-structured interviews and questionnaires. We emphasize that the data were produced during a PE class, in the EJA Juvenil class at Colégio Estadual de Piripá and the research participants were EPJAI students and a mathematics educator. We chose to analyze the data based on the triangulation of methods, since we use different ways to produce them, such as voice recordings and field diaries. After processing and organizing the data, we grouped the dialogues, according to the moments of the class. The results showed that we could visualize the dialogues emerging from the themes worked on. These demonstrated that each of the students has experiences about the financial world, which must be heard and considered. Furthermore, we can see the relationships between EF and EMC, when the subjects investigated were invited to question, reflect and evaluate their financial behaviors, since EMC contributes to EF in terms of decision-making, autonomy and financial empowerment. Furthermore, it was evident that OBE plays an important role in the lives of students, revealing itself as a process that enables them to be confident when dealing with financial matters, helping them to understand principles of conscious money management. The research also demonstrated that there are challenges regarding the inclusion of EFC in the school environment, one of which is due to the lack of training for professionals working in the area. In view of the above, the study directs us to a place of reflection, since it is necessary to (re)think our pedagogical practice in the context of EPJAI, aiming to contribute to the citizenship training of young people, adults and the elderly.

Key words: Financial Education. Critical Mathematics Education. Pedagogical Practice. Dialogues.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Triangulação dos dados.....	37
Figura 2 - Explosão de felicidade.....	40
Figura 3 - Propaganda – Pão de Açúcar.....	41
Figura 4 - As mídias e propagandas influenciam nos nossos hábitos de consumo?.....	43
Figura 5 - A Educação Financeira é importante?.....	50

SUMÁRIO

O CONSTRUIR DA MINHA TRAJETÓRIA	14
1 O QUE NOS DIZ A LITERATURA?	21
1.1 Educação Financeira: caminhos percorridos no Brasil	21
1.2 Educação Financeira Crítica e EPJAI: um elo possível	30
2 PROCESSOS METODOLÓGICOS E ESTRATÉGIAS PARA A PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	34
2.1 Características e abordagem da pesquisa	34
2.2 Observação, questionário e entrevista como instrumentos para produção de dados	35
2.3 Conhecendo o contexto e os participantes da pesquisa	37
3 COMO ESTAMOS NOS COMPORTANDO FINANCEIRAMENTE?	39
3.1 Como o marketing e a propaganda influenciam o nosso modo de pensar financeiro?	39
3.2 Importância do consumo consciente	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
APÊNDICES	59
Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	59
Apêndice 2: Questionário desenvolvido para produção dos dados	60
Apêndice 3: Plano de Aula	62
Apêndice 4: Entrevista realizada com a educadora	64

O CONSTRUIR DA MINHA TRAJETÓRIA

Lembro-me¹ que, durante todo o meu ensino básico fui uma estudante exemplar, com ótimas notas, bom comportamento e sempre tive uma relação muito boa com a Matemática, que era vista como um “bicho de sete cabeças” pela minha turma. Frequentemente, ajudava os meus amigos nas tarefas solicitadas por nossos educadores, vez ou outra, eu encontrava uma forma diferente de resolver as atividades e, acabava por tentar ensiná-los, que brincavam dizendo que aprendiam mais comigo do que com o próprio docente da disciplina. Essas memórias remetem a minha escolha por se tornar professora de Matemática.

Quando estava cursando o 1º ano do Ensino Médio, recebi uma proposta para trabalhar com aulas de reforço escolar e acabei aceitando, porém não tinha noção de como e por onde começar. Dessa forma, busquei várias vezes, vídeos no *YouTube* para me auxiliar nesse início, descobrindo que sentia muito prazer em ensinar e, com isso, produzir com eles o conhecimento matemático necessário. Tais memórias, carregadas de afeto, trazem consigo o meu apreço pela docência e pelos meus “primeiros anos como professora”, tendo em vista o início de um longo percurso formativo.

Em 2019, logo após minha conclusão no ensino básico, com o intuito de ingressar em uma universidade pública, especificamente a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), que fez parte dos meus sonhos, prestei o vestibular para o curso de Licenciatura em Matemática. No início do mesmo ano, participei também de uma prova para contrato de auxiliares de classe na minha cidade natal, Piripá - Bahia, sendo aprovada nessas duas seleções. Vitória! Que felicidade! Mainha, Painho e Eu vibramos de felicidade! Era a realização de um dos meus maiores sonhos. Assim que efetuei minha matrícula na UESB, informaram-me que a instituição ficaria alguns meses sem funcionamento, pois havia sido decretada uma greve. Com isso, decidi que iria trabalhar como auxiliar de classe e continuaria com as aulas de reforço escolar até o fim do período de paralisação. Essas memórias me transportam para um lugar de importância e representatividade para a minha família, em outras palavras, ocupar este espaço possibilita a escrita de outras narrativas como a minha.

O trabalho como auxiliar de classe, consistia, basicamente, em ajudar a educadora regente no que fosse solicitado, podendo substituí-la, esporadicamente, caso fosse necessário em uma escola de Educação Infantil. Na divisão das classes, fiquei com uma turma de

¹ Introdução escrita na 1ª pessoa do singular por se tratar de minha trajetória pessoal e profissional. No decorrer da monografia, haverá momentos, também, em que será utilizada a 1ª pessoa do plural, por se tratar de uma construção coletiva, ou seja, as palavras tecidas aqui são fruto de diálogos com a literatura, problematizações nas orientações e debates no âmbito do grupo de pesquisa.

alfabetização, que era formada por crianças com quatro e cinco anos de idade. No primeiro momento, preocupei-me, pelo fato de não ter proximidade nenhuma com indivíduos tão pequenos, até então, só havia tido contato com adolescentes. Os desafios então começaram!

Inicialmente, foi um pouco difícil a minha adaptação devido a minha timidez, mas com o passar dos dias fui gostando do convívio escolar e, mediante a esse trabalho, que conheci de fato o dia a dia de uma escola. Entendi como é o funcionamento dela, de que forma acontece o planejamento das aulas, as metodologias utilizadas pelas educadoras e educadores, pude observar as relações que permeiam esse ambiente, o processo de ensino e aprendizagem das crianças, dentre outros aspectos. O contato com todas essas experiências, despertou ainda mais o meu encanto pela docência, mesmo sabendo de todos os desafios que enfrentaria adiante, principalmente, no que diz respeito à desvalorização social e financeira. Passados os primeiros obstáculos, começo a me questionar sobre o sentido a ser atribuído a minha futura profissão. Por que, mesmo, escolhi me tornar professora?

Ainda na Educação Infantil, presenciei algumas situações que me fizeram refletir sobre o que é ser docente na sociedade atual. Em uma das aulas de Matemática, a professora da turma fez uma dinâmica que se resumia na simulação de compras em um supermercado, as crianças foram divididas em dois grupos, sendo um deles de clientes e outro de vendedores. Elas possuíam uma certa quantia em dinheiro e precisavam comprar brinquedos e alimentos, utilizando estratégias para não ficarem endividadas.

Essa proposta de atividade foi muito interessante, porque muitas das crianças já conheciam algumas cédulas e moedas, pontuando durante o desenvolvimento que observavam os seus pais fazendo compras e que, às vezes, faltava dinheiro, tendo que deixar anotado o valor em um “papel”² no supermercado. Ficando perceptível, a partir da dinâmica que apesar de serem crianças com pouca idade, já detinham alguns saberes matemáticos/financeiros, obtidos por meio das vivências com os seus familiares, provocando em mim uma certa curiosidade pelo assunto. O intrigante é que eu iria ministrar aulas para adolescentes e adultos, mas no contato com crianças foi possível perceber uma certa produção de conhecimento sobre a Educação Financeira (EF). Então, quando estou falando de EF, estou falando de quem? Para quem? Por qual motivo? Essas memórias denotam meus primeiros interesses para com a temática.

Permaneci trabalhando na Educação Infantil até o retorno das aulas na UESB. Quando iniciei o curso, não havia consultado a matriz curricular e, acreditava que seriam estudados,

² O fato de anotar no papel refere-se a uma espécie de crediário, popularmente conhecido como fiado.

em sua maioria, os conteúdos que são aplicados na Educação Básica e as metodologias de ensino de Matemática, no entanto, ainda nos primeiros meses, pude perceber um certo engano de minha parte. Durante a minha graduação não tive muita facilidade e preferência pelos componentes da área de Matemática Pura e Aplicada, muitas vezes, me senti deslocada no curso, pois não compreendia muito bem os conteúdos ministrados pelos formadores. Foram mediante os componentes da área de Educação Matemática, as discussões nessas aulas e após minha passagem pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)³ em 2020, que obtive a certeza de que estava no curso que eu sempre almejei. As preocupações para com a sala de aula, as especificidades do conhecimento matemático, a união entre teoria e prática, os diferentes contextos e as diferentes matemáticas dentro e fora da escola e, principalmente, a reflexão sobre a minha prática como futura professora, são algumas das memórias, durante a formação inicial, que trago comigo e que me acompanham neste processo seletivo.

Os subprojetos do programa de 2020 a 2022 tiveram suas práticas repensadas, em virtude da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) que estávamos enfrentando. A Organização Mundial da Saúde (OMS) havia apontado que a forma mais eficaz de se prevenir era a partir da promoção do isolamento social, assim, as atividades nas universidades e escolas públicas foram suspensas para evitar a disseminação do vírus. Desse modo, o PIBID que seria desenvolvido presencialmente, aconteceu na modalidade remota (Silva; Santos; Silva, 2021).

Durante minha passagem pelo PIBID ministrei monitorias, participei de formações que englobavam temáticas relevantes para o aperfeiçoamento dos conhecimentos necessários para a prática docente, além da aplicação de oficinas, que propiciaram reflexões significativas sobre o meu desempenho em sala de aula enquanto futura educadora. Dentre as formações que ocorreram no PIBID, algumas foram voltadas para a EF, tema pertinente no contexto da pandemia, visto que esta gerou uma grande instabilidade social e econômica em âmbito global.

Os educadores mostraram-nos outra perspectiva do que é ser educado financeiramente e como este assunto, muitas vezes, não é bem explorado nas salas de aula de Matemática. Em uma das formações, discutimos como as cores nos influenciam na hora de fazer compras e, também, de que forma as grandes empresas utilizam essa estratégia para obter mais consumidores. A referida formação deixou-me bastante interessada, pois nunca havia pensado

³ Programa do Governo Federal que oferta bolsas financeiras a estudantes dos cursos de licenciatura e, objetiva, antecipar o vínculo entre os futuros educadores e as salas de aula da rede pública de ensino.

em tantas possibilidades quanto a temática e em como ela está tão presente no nosso cotidiano. As experiências com a EF foram se somando a minha trajetória formativa durante o curso de licenciatura em matemática.

A partir dessas percepções referentes à EF, decidi aprofundar-me no tema, tornando-o objeto de estudo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma vez que, estamos inseridos em uma sociedade que faz o uso do sistema monetário a todo instante e em qualquer etapa da vida. Consoante a isso, busquei aplicar oficinas no PIBID que tratassem do assunto, para assim, consolidar as ideias que fossem surgindo e observar como os educandos da rede pública de ensino lidam com o universo financeiro e como relaciona-o com a Matemática, a partir uma perspectiva crítica.

Essas oficinas foram desenvolvidas em escolas da rede municipal e estadual de Vitória da Conquista e Poções, ambas localizadas no sudoeste baiano, algumas foram realizadas por intermédio do PIBID e outras pelo Programa de Educação Matemática de Jovens e Adultos (PEMJA), na qual, atuei como bolsista e voluntária. O PEMJA, visa desenvolver atividades que articulem ensino, pesquisa e extensão no contexto da Educação Matemática de jovens, adultos e idosos, buscando uma melhoria no processo de ensino e aprendizagem dessa modalidade.

Ainda no PIBID, obtive meu primeiro contato com a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI)⁴ e pelo PEMJA, pude vivenciar experiências práticas com essa modalidade de ensino. Posteriormente, quando cursei a disciplina Prática como Componente Curricular IV – DCET0099⁵, ofertada na UESB, aprofundei e conheci a teoria que perpassa a EPJAI, debruçando-me na construção de propostas curriculares, planos de aula, análise de livros didáticos, estudo de leis e regulamentações que regem tal modalidade. Estas, possibilitaram que eu observasse e refletisse sobre como acontecem as práticas pedagógicas na EPJAI e de que modo esse público está inserido na sociedade, a partir de um lugar marcado por processos de exclusão. Estas memórias me retornam para um olhar crítico e reflexivo sobre e com a EF de pessoas jovens, adultas e idosos. Para além disso, quem são esses sujeitos? Quais são suas demandas? De que EF estamos falando quando falamos de

⁴ O termo EPJAI se refere a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. O termo “pessoas” foi empregado no sentido de representar indivíduos de gêneros distintos, assim como, a utilização de “jovens”, “adultas” e “idosas”, respeitando as faixas geracionais de acordo com a emenda constitucional 59/2009.

⁵ O componente curricular Prática IV na UESB, é pré-requisito para cursar Estágio IV. A disciplina tem como intuito discutir acerca do processo de ensino e aprendizagem da EPJAI, perfazendo uma carga horária total de 120h.

EPJAI? Estes questionamentos seguiram movimentando o meu processo de produção de pesquisa.

A EPJAI enfrenta uma série de percalços em seu desenvolvimento, uma vez que esta conta com educandos distintos, que carregam consigo, diversos motivos pelo qual ingressaram tardiamente a instituição de ensino e, também, com um grande percentual de evasão que se dá, principalmente, devido à falta de políticas públicas que favorecem a permanência desses sujeitos na escola. Para amenização desse fator, é preciso que os educadores também apresentem responsabilidade, dedicação e criatividade nas salas de aula, para que estes se sintam incentivados a permanecerem estudando. Além disso, é imprescindível que, os docentes conheçam as habilidades e saberes que estes indivíduos já possuem e desenvolvem em seu dia a dia, visando uma contextualização dos conteúdos ministrados a partir de situações que perpassam as suas realidades, como por exemplo, o cenário das finanças.

No que se refere ao ensino de Matemática de pessoas jovens, adultas e idosas, o trabalho é ainda mais complicado quando se trata de contextualização, principalmente pela Matemática ter sua especificidade abstrata. Ademais, em virtude da sua característica formal e objetiva, esta, ocasionalmente, é vista como um componente curricular neutro e imparcial, que não deve estar inserida em problematizações que circundam as ações de caráter social, cultural e político.

Durante o sexto semestre da graduação, me questionei várias vezes como esta ciência exata pode ultrapassar as paredes das salas de aula e estar intrinsecamente ligada a transformação da sociedade, mediante a reflexão dos cidadãos e, foi nessa perspectiva que, deparei-me com a Educação Matemática Crítica (EMC). Esta, possibilita-nos fazer uma leitura de mundo por intermédio da Matemática e propõe discussões que vão além dos conteúdos que envolvem cálculos, se preocupando com o pensar coletivo e debates no âmbito social (Skovsmose, 2001; 2007; 2014).

A EMC quando atrelada à EF, produz significados importantes quanto ao pensar e fazer críticos dos educandos, ajudando-os a tomarem decisões assertivas e conscientes em relação às finanças. Assim sendo, como nós, enquanto professoras podemos contribuir e ensinar os educandos da EPJAI a desenvolverem uma maior compreensão sobre o dinheiro, para que analisem e façam julgamentos críticos de uma realidade, que ainda hoje, revela processos/movimentos de exclusão e desigualdades?

Visando aprofundar-me nas temáticas citadas e acreditando que a EF provém e resulta de ações interdisciplinares, que favorecem a compreensão e reflexão crítica do universo financeiro na construção de uma sociedade mais igualitária. Além do ponto de vista socioeconômico e, considerando que os jovens, adultos e idosos estão inteiramente inseridos nesse ambiente, surge então a questão norteadora deste estudo. Esta consiste em: *Qual o papel da Educação Financeira Crítica na formação de educandos da EPJAI?*

Dessa forma, tencionando responder ao questionamento, apresento os objetivos deste estudo:

Geral: Investigar como acontece o trabalho com a Educação Financeira Crítica no contexto da EPJAI.

Específicos:

- ✓ Identificar os diálogos emergentes a partir da temática abordada na aula;
- ✓ Analisar as relações existentes entre EF e EMC no contexto observado;
- ✓ Compreender o papel da EFC na vida dos educandos na perspectiva dos educadores⁶.

Diante o exposto, o estudo se desenvolverá no Colégio Estadual de Piripá, buscando investigar como os estudantes piripaenses se posicionam diante de situações financeiras ligadas ao seu dia a dia que, muitas vezes, passam despercebidas. Ainda, levando em consideração as necessidades educacionais dos educandos da EPJAI e os saberes matemáticos que eles adquiriram por meio das suas vivências, será feita uma análise a partir de observações em uma aula que serão discutidos temas relacionados à EF numa perspectiva crítica, como também, por meio de um questionário realizado com os estudantes e uma entrevista com a professora regente da turma.

Acredito que a referida pesquisa tem potencial para contribuir com as discussões sobre a EF nas escolas e auxiliar os educadores tanto da EPJAI, como de outras modalidades, a pensarem sobre novas metodologias para implementarem a temática nas aulas de Matemática, numa perspectiva crítica, visto que, a EF perpassa os âmbitos econômico, social e cultural. Pretendo por meio deste trabalho, evidenciar os saberes matemáticos/financeiros que são produzidos pelos educandos de Piripá, município do sudoeste baiano, em que fui criada e

⁶ Aqui utilizamos o termo educadores, no entanto, a nossa produção de dados foi feita com apenas uma educadora, assim sendo, tentaremos compreender o papel da EFC a partir da sua perspectiva.

vivenciei toda a minha Educação Básica. Este ampliará as pesquisas acerca da EPJAI na Bahia, fortalecendo também, as discussões referentes à EF, uma vez que não existe pesquisas relacionadas à temática na localidade do estudo.

Além disso, ressalta-se que este estudo irá colaborar tanto para a formação inicial quanto continuada de educadores da Educação Básica, somando ao repositório de pesquisas científico-acadêmicas, principalmente no que se refere ao curso de Licenciatura em Matemática, ampliando os espaços de discussões em torno da EF e da EPJAI. Por fim, observando as potencialidades desta pesquisa e da compreensão crítica da EF, busco abrir espaços para reflexão de questões sociais por meio da Matemática, objetivando, principalmente, a visibilidade e melhoria do processo de ensino e aprendizagem da EPJAI. Enquanto que, para minha formação como educadora, este irá corroborar para que eu reflita sobre a prática educativa que eu desejo alcançar futuramente.

Objetivando expor os resultados obtidos a partir da pergunta diretriz, organizamos⁷ o trabalho da seguinte forma:

Iniciamos este trabalho com uma breve trajetória de como chegamos ao tema, abordamos os caminhos que nos conduziram até aqui e justificamos a importância dessa investigação. Outrossim, indicamos a questão norteadora e os objetivos necessários para respondê-la.

Posteriormente, no Capítulo I, debruçamo-nos sobre as temáticas presentes neste estudo e apresentamos a fundamentação que o embasa teoricamente.

Já no Capítulo II, dispomos os procedimentos metodológicos, classificando a pesquisa como qualitativa e destacamos os meios de produção dos dados: observação, questionário e entrevista, assim como as estratégias utilizadas para análise dos dados.

O Capítulo III é dedicado para os desdobramentos da investigação, nele expomos a análise dos dados que foram produzidos e uma discussão dos resultados em diálogo com os teóricos que fundamentam este trabalho.

Por fim, encerramos com as considerações finais, nela, tecemos algumas reflexões do processo de investigação e denotamos os principais resultados encontrados, resgatando os objetivos do trabalho.

⁷ Aqui se inicia os movimentos de escrita no plural, já que, essas considerações foram feitas em diálogo com o orientador desta pesquisa.

1 O QUE NOS DIZ A LITERATURA?

Nesse capítulo, apresentamos as temáticas centrais deste trabalho: primeiramente, uma discussão sobre EF, suas definições sob diferentes perspectivas e sua importância no contexto atual, denotando como esta se relaciona com a EMC e seus pressupostos. Por conseguinte, transportamos essa discussão para o contexto educacional, no qual, fazemos uma conexão com a EPJAI. Ademais, essas discussões foram produzidas no intuito de embasar teoricamente a pesquisa, sustentando os argumentos expostos em prol da construção de uma Educação Financeira Crítica com pessoas jovens, adultas e idosas.

1.1 Educação Financeira: caminhos percorridos no Brasil

No Brasil, a cada dez famílias, aproximadamente, oito delas têm dívidas. De acordo com os dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) em setembro de 2022, o índice de endividamento dos núcleos familiares do país, atingiu 79,3%.⁸ Representando assim, o patamar mais elevado da história da Peic, um percentual alto e preocupante, que demanda atenção, em particular, para entender os seus impactos na vida pessoal e em sociedade.

As discussões acerca da necessidade de orientação financeira têm ganhado visibilidade no país, visto que, há um crescimento considerável na quantidade de cidadãos pouco estabilizados economicamente. Nos últimos cinco anos, entre agosto de 2019 e 2023, o número de famílias com dívidas passou de 64,8% para 77,4%, apresentando uma alta de 12,6 pontos percentuais. Izis Ferreira, economista da CNC, enfatiza que existem alguns fatores corroborantes para a elevação desse índice, sendo os principais deles, a alta da inflação e o incentivo ao uso do cartão de crédito (Carranço, 2023). Além disso, os endividados, na maioria das vezes, são mulheres, jovens e pessoas de baixa escolaridade. É preciso nos questionarmos por que existe este certo padrão/perfil? Por quais razões esses sujeitos estão mais suscetíveis às dívidas? É pela falta de informação e/ou pela ausência de uma EF de qualidade?

Muitas questões transitam por este espaço, uma delas é as de gênero, visto que, em uma simples ida ao supermercado podemos notar que os preços dos produtos femininos sempre são mais altos que os masculinos. Estamos aqui, falando de um lugar, na qual, as mulheres se endividam com mais facilidade, não apenas por vaidade, como é propagado por

⁸ Dados fornecidos pela Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor – Peic. Disponível em: <https://pesquisascnc.com.br/pesquisa-peic/>. Acesso em: 19 set. 2023.

diversas pessoas, mas de um lugar, em que mães solas precisam arcar sozinhas com as despesas dos filhos; de donas de casa que, muitas vezes, são proibidas de trabalhar pelos seus companheiros e, necessitam, se “virar” com o dinheiro que recebem deles ou de programas do governo. E ainda, de tantas outras mulheres que têm suas profissões desvalorizadas financeiramente, que recebem salários desiguais e mais baixos, também não podemos perder de vista a questão racial, que de forma interseccional, se articula ao gênero, como exemplo, o fato de produtos de beleza de mulheres negras serem os mais caros, por conta de seus cabelos cacheados e crespos, que, socialmente, seguem sendo alvo de depreciação.

Todas essas percepções, a partir da realidade presente na nossa sociedade, nos levam a refletir como a EF, principalmente, quando trabalhada de forma crítica, pode atribuir significados à nossa relação com o dinheiro, contribuindo com o desenvolvimento da autonomia e tomada de decisões quanto as finanças. É sabido que, estamos inseridos em uma sociedade que faz o uso do sistema monetário em qualquer etapa da vida, desde a infância até a terceira idade, ora por intermédio de nossos responsáveis, como quando crianças, ora por nós mesmos. Envolvermo-nos com questões financeiras que perpassam por variados âmbitos, sejam eles, familiar, profissional e/ou escolar. Apesar dos conhecimentos sobre dinheiro, economia, consumo e dívidas estarem presentes nos nossos dias, em sua pesquisa, Pelicioli (2011, p. 11) se questionava se “[...] a saúde financeira de cada um está bem ou pode estar sendo prejudicada em face da ausência de aprendizagem relacionada à cultura financeira”.

Diante dessa realidade, a EF, se apresenta como uma grande aliada no processo de conscientização das finanças, como também, na tomada de decisões assertivas (Silva; Powell, 2013). No meio educacional, ela tem tido uma ascensão considerável nos últimos anos, apresentando-se mediante as contribuições e os estudos de profissionais de diversas áreas. É perceptível que a maioria das discussões referentes à EF, no geral, estão relacionadas a organização e planejamento das finanças, pessoal ou familiar, assim como, gestão do dinheiro, numa perspectiva mais individualista de proteção do mesmo, como demonstrado por Baroni (2021).

Buscando entender as implicações da EF no contexto atual, podemos notar, conforme exposto nas pesquisas de Silva e Powell (2015) e Mazzi e Baroni (2021) que, nos anos de 2003 e 2004, foi elaborado e desenvolvido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)⁹ e seus países membros, um projeto intitulado “Projeto Educação Financeira”. Este tinha como objetivo, identificar e analisar as pesquisas sobre EF;

⁹ A OCDE foi fundada em 1961 e atualmente é composta por 38 países membros, estes se dedicam a estimulação do progresso econômico, financeiro, social, comercial e ambiental.

descrever e avaliar a eficácia, se possível, dos programas existentes sobre o tema naquela época; e, por intermédio dos resultados obtidos, sugerir ações políticas para melhorar a conscientização financeira dos cidadãos (OCDE, 2005a).

A partir desse momento, a OCDE passou a incluir a EF em suas discussões e em 2005, a partir da primeira pesquisa, foi gerado o relatório “Melhoria da Literacia Financeira¹⁰: Análise de Questões e Políticas” (OCDE, 2005b). Ficando destacado no documento alguns pontos que necessitavam de atenção dos países membros, a saber: o crescimento no número de trabalhadores que precisariam se planejar sozinhos (poupar) para financiar a própria aposentadoria; as crescentes dívidas por consumo, feitas, principalmente, por jovens; e, a grande quantidade de consumidores que ainda não participavam do sistema financeiro (Silva; Powell, 2013).

Como resultados das pesquisas realizadas e desenvolvidas pela OCDE, foi elaborada uma definição de EF, que hoje é internacionalmente conhecida e difundida, sendo denotada como

[...] o processo mediante o qual consumidores e investidores aprimoram seu entendimento em relação a conceitos e produtos financeiros e, através da informação, formação e orientações claras, desenvolvem habilidades e confiança para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos financeiros, fazerem escolhas bem informadas, saberem onde procurar ajuda e adotarem outras ações efetivas que melhorem o seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005b, p. 26, tradução nossa¹¹)

A definição apresentada pela OCDE, volta-se, especificamente, para uma visão mais mercadológica, ou seja, refere-se a aspectos econômicos, “[...] sem grandes direcionamentos para uma abordagem crítica e reflexiva, sobretudo de aspectos sociais” (Hartmann, 2021, p. 19). Frente ao exposto, Mazzi e Baroni (2021), sugerem que ao observar a significação de EF para a organização, podemos elencar três expressões centrais, sendo elas: 1) melhoria da compreensão financeira; 2) aquisição de habilidades para identificar riscos e oportunidades no âmbito das finanças e 3) indispensabilidade dos indivíduos fazerem escolhas bem informadas.

¹⁰ “Literacia ou alfabetização financeira é o termo usado em pesquisas e documentos oficiais que tratam sobre Educação Financeira, com definições variadas e geralmente vinculado ao desenvolvimento de competências em finanças pessoais. Uma definição dada por uma organização americana é bastante difundida em diferentes áreas de estudo, em especial na Economia: de forma resumida, o termo é definido como a capacidade de usar conhecimentos e habilidades para gerenciar recursos financeiros próprios, objetivando segurança para a vida financeira” (Baroni, 2021, p. 94).

¹¹ Sua versão original é apresentada como: “the process by which financial consumers/investors improve their understanding of financial products, concepts and risks and, through information, instruction and/or objective advice, develop the skills and confidence to become more aware of financial risks and opportunities, to make informed choices, to know where to go help, and to take other effective actions to improve their financial well-being”.

A partir disso, notamos que, o conceito de EF para a OCDE propõe a passividade dos sujeitos, corroborando com a perspectiva de Hartmann (2021).

Destarte, podemos levantar alguns questionamentos quando visualizamos as expressões anteriores: em quem a OCDE estava pensando quando definiu EF? A quem a organização queria beneficiar? Apesar de apresentar lacunas na definição evidenciada, a OCDE ressaltou ações públicas para a efetivação da EF, dentre essas, destacou que a temática deveria ser iniciada nas escolas (Hartmann, 2021). Após estudos no país apontarem que, “[...] a educação financeira não é trabalhada na formação de crianças e jovens brasileiros, seja na escola, seja em casa” (Brasil, 2011, p. 94), inicia-se, a partir de 2010, uma discussão mais ampla sobre o assunto, devido a implementação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)¹², decretada pelo Governo Federal (Brasil, 2010). A proposta da ENEF era incentivar a Educação Financeira e Previdenciária e fortalecer a cidadania, em razão das políticas de inclusão social no país.

Após a regulamentação da ENEF, foi criado o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) para conceber ações, planos e programas voltados a EF (Brasil, 2011). Com isso, em 2011, é apresentada pela CONEF uma definição de EF, que se assemelha a dada pela OCDE em 2005, conforme segue:

[...] Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, façam escolhas bem informados, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro. (Brasil, 2011, p. 20)

Embora seja uma definição mais completa que a apresentada pela OCDE, visto que incluí a formação de “sociedades” e não apenas de indivíduos, como também, propaga a importância de se formar uma sociedade que esteja comprometida com o futuro, esta ainda indica a passividade dos sujeitos quanto às finanças. Podemos interpreta-la como: “[...] alguns indivíduos determinam os produtos e, então, a função dos demais seria a de, apenas, consumi-los, ainda que de maneira informal” (Baroni, 2021, p. 19), uma visão que privilegia o ensino para o consumo e a fortificação do capitalismo. O ato de educar financeiramente não pode se reduzir a ensinar técnicas de planejamento e, muito menos, atribuir, de maneira limitante, apenas as educadoras e educadores que lecionam matemática a função de explicar

¹² A ENEF é uma mobilização que visa promover ações de Educação Financeira, Securitária, Previdenciária e Fiscal no país. Ela foi criada por meio do Decreto Federal 7.397/2010 e renovada pelo Decreto Federal nº 10.393, de 9 de junho de 2020. Objetivando o fortalecimento da cidadania, por meio de movimentos que auxiliem a população na promoção da autonomia e conscientização financeira.

os cálculos necessários para isso, pois a EF deve atravessar a prática pedagógica de todas as áreas de conhecimento, uma vez que a escola tem como foco, primordial, a formação cidadã.

Corroborando com Baroni (2021, p.19), existe um “[...] universo maior de demandas nesse contexto”, dentre as quais podemos citar: a compreensão dos impactos do consumo desenfreado no meio ambiente e, o papel deste, na sociedade (Bauman, 2008); atenção para as desigualdades sociais causadas pelo capitalismo; os problemas de saúde, física e mental, que o mau uso do dinheiro pode acarretar; reflexão sobre o comportamento dos sujeitos no mundo financeiro. Sobre esse último aspecto, enfatiza-se o arcabouço teórico-metodológico da Matemática e da Educação Matemática, que “[...] tem essa ciência como um instrumento de ação social” (Baroni, 2021, p. 19), amplamente discutido por Skovsmose (2001; 2007; 2008; 2014). E quando falamos do comportamento dos sujeitos e tomamos a Matemática e a Educação Matemática como instrumento de ações sociais, estamos pautando as diferentes formas de produção de conhecimento, a partir de uma união entre a teoria e a prática, ou seja, uma práxis que se efetiva na transformação da realidade dos indivíduos.

Dentro da perspectiva do contexto educacional, quando se faz uma análise dos documentos que norteiam a Educação Básica no Brasil, é perceptível, que o ato de educar financeiramente, na maioria das vezes, “[...] é incumbência do professor de matemática” (Peres, 2019, p. 14). Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador das práticas educacionais, aprovado em 2017 e 2018, para o Ensino Fundamental e Médio, respectivamente, é indicada a incorporação de temas transversais ao ensino, bem como da educação para o consumo e da EF em ambos os níveis (Baroni, 2021). Entretanto, como exposto por Leffler (2019), há mais uma promoção da Matemática Financeira, do que propriamente da EF, esta primeira “[...] se volta a resolução de cálculos, geralmente apoiados em fórmulas. Enquanto, que a Educação Financeira compreende a análise dos resultados desses cálculos para a realização de tomada de decisões” (Hartmann, 2021, p. 49). Indo ao encontro de pensamentos apontados em Leffler (2019, p. 52), uma vez que, a EF “[...] não se restringe a informações recebidas e ou transmitidas: implica também no desenvolvimento de valores, hábitos e costumes, interiorizados por meio de experiências vividas”.

Frente ao exposto, pesquisadoras e pesquisadores da Educação Matemática, inquietos com as concepções, que limitam o ato de educar financeiramente, desenvolveram a abordagem da Educação Financeira Escolar (EFE), que se configura como

[...] um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões

financeiras que envolvem sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (Silva; Powell, 2013, p. 13)

Essa perspectiva de EF, sugere que os estudantes conheçam o universo do dinheiro, analisem e façam julgamentos críticos a partir da realidade em que estão inseridos (Baroni, 2021), abarcando questões que não são mencionadas pela OCDE (2005a). O que de certa forma está, diretamente, ligado a produção de conhecimento matemático dos sujeitos, a partir do conceito da EMC, visto que, em linhas gerais, “[...] para que a educação, tanto como prática quanto como pesquisa, seja crítica, ela deve discutir condições básicas para a obtenção do conhecimento, deve estar a par dos problemas sociais, das desigualdades, da supressão” (Skovsmose, 2001, p. 101).

Neste sentido, uma Educação Crítica deve reagir às contradições sociais e, não apenas, como menciona Skovsmose (2007, p. 19), “[...] representar uma adaptação às prioridades políticas e econômicas; [...] a educação deve engajar-se no processo político, incluindo uma preocupação com a democracia”. Isso se refere também em como a Matemática, enquanto Ciência, pode influenciar o nosso espaço cultural, político e tecnológico (Skovsmose, 2008) e, ainda, ser um meio para compreendermos os aspectos sociopolíticos (Hartmann, 2021), culturais, étnicos, prismas da desigualdade de gênero, entre outros.

Acerca disso, quando defendemos uma EF que permita aos indivíduos a crítica sobre os aspectos voltados às finanças e a tomada de decisões assertivas, como a discussão do mau uso do dinheiro; a produção exacerbada de lixo, devido ao consumismo; ações políticas voltadas para a desigualdade de renda, entre outros, estamos, também, abarcando questões relacionadas à EMC. Como destaca Hartmann (2021), é fundamental que a EF priorize a luta pelos direitos humanos e seja entendida como uma prática emancipatória, que discuta conteúdos matemáticos e não-matemáticos, simultaneamente. Além disso, se esta abandonar a responsabilidade de tentar lutar por esses direitos, “[...] a educação corre o risco de ser reprodutora” (Skovsmose, 2001, p. 100) de catástrofes sociais.

Posto isso, te convidamos a seguinte provocação: como educadoras e educadores, o que podemos fazer para não permitir que a EF reproduza ações que levem nossa sociedade a catástrofes? Talvez as possíveis respostas para esta e outras questões possam ser encontradas no interior das narrativas de educadoras e educadores matemáticos, uma vez que, em concordância com Baroni (2021, p. 239-240), a EF é fundamental na formação de educadores de matemática, a partir de um “[...] processo de problematização da vida financeira pessoal e coletiva, tendo por objetivo compreender e analisar criticamente o mundo financeiro e suas implicações sociais, políticas e econômicas” com foco “[...] em uma perspectiva de

transformação dos mecanismos de dependência econômica e desigualdade social” (Baroni, 2021, p. 239-240).

Pensando ainda na “transformação dos mecanismos”, defendemos uma EF que auxilie nossos educandos a refletirem sobre questões sociais, políticas, econômicas, éticas e culturais, que vão além da Matemática Financeira, pautada somente em conteúdos matemáticos, ou seja, defendemos uma EF que os ajude a tomarem decisões coerentes e conscientes no mundo que habitam. Muniz (2016) enfatiza em sua tese, que a tomada de decisões, pode ser pautada em cinco aspectos não-matemáticos, sendo estes: 1) financeiros; 2) econômicos; 3) culturais; 4) sociais e 5) comportamentais. Posto isso, ele identifica-se com a definição de EFE apresentada por Silva e Powell (2013) e complementa que, ela é

[...] um convite à reflexão sobre as atitudes das pessoas diante de situações financeiras envolvendo aquisição, utilização e planejamento do dinheiro, ou de outra forma, o ganhar, usar e distribuir dinheiro e bens, dentre elas as envolvendo consumo, poupança, financiamentos, investimentos, seguros, previdência e doações, bem como as suas possíveis consequências no curto, médio e longo prazos, olhando tanto para oportunidades quanto para as armadilhas do mercado. Um convite que leve em consideração o contexto social e econômico dos estudantes, as características culturais e singularidades sociais da região em que vivem. Essa EFE também é, portanto, um convite à ação, avaliação, e reação, num movimento dinâmico, plural e democrático. (Muniz, 2016, p. 46)

Frente as significações que já foram apresentadas, essa, é a que melhor abarca as múltiplas formas de se pensar EF até o momento, Muniz (2016) destaca que, pensar EFE é um convite à democracia, como mencionado por Skovsmose (2007). Nessa perspectiva, corroboramos com a ideia de EF defendida por Hartmann (2021, p. 61), uma vez que, para ele, esta pode ser compreendida como “[...] um convite a ações e diálogos críticos, acerca do contexto social, financeiro e econômico dos indivíduos, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas e da sociedade em que vivem”.

À vista disso, destacamos a importância de se pensar a respeito de uma EF que promova a criticidade e racionalidade dos educandos e que os auxilie a resolver problemas do contexto que fazem parte. Assim sendo, para que isso aconteça efetivamente, como bem exposto por Skovsmose (2014, p. 89), é de fundamental importância, atribuir novos significados à matemática, visto que ela, “[...] pode ser objeto de reflexão, uma forma sublime de pensamento crítico [...] estudando a matemática em ação, percebemos a necessidade de abordar a racionalidade matemática de maneira crítica.”

Destarte, quando abordamos a racionalidade matemática de forma crítica, estamos corroborando com os princípios da EMC. Segundo Baroni (2021), enquanto educadores, devemos, ensinar e defender a aprendizagem de uma matemática que possibilite aos

educandos um maior entendimento sobre a própria vida e as relações estabelecidas socialmente, para que assim, possam transformar os mecanismos de desigualdades sociais que nos são impostos. Quando valorizamos o papel e a concepção crítica da matemática, a reflexão e a ética, são sobrepostas, elementos estes, que são essenciais para se discutir aspectos financeiros. Na perspectiva de EMC, o processo de ensino e aprendizagem, deve acontecer de maneira dialógica, de forma que leve os educandos a refletirem sobre questões relevantes para ele (Skovsmose, 2001; 2007). Assim, “[...] privilegiar o diálogo é fundamental para que se promovam novas abordagens da Matemática” (Baroni, 2021, p. 82).

A valorização do diálogo no processo formativo é fundamental, visto que, está diretamente associado com a importância de capacitar os sujeitos a fazerem uma leitura crítica do mundo em que habitam, ou seja, capacitá-los a se engajarem com o mundo, considerando a nossa existência como um processo de transformação contínua (Freire, 1986). Isso difere das abordagens que concebem o ensino como uma simples transmissão de informações, em que tudo parece estar pronto e predeterminado, deixando ao sujeito apenas a tarefa de se adaptar ao mundo que já está feito (Baroni, 2021).

De acordo com Streck, Redin e Zitkoski (2017), na visão de Paulo Freire, podemos dizer que o diálogo é àquela

[...] força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana do mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo o nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade [...] e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca. (p. 117)

Nesse sentido, para Freire (2021a), o diálogo implica na forma como lemos o mundo e o interpretamos, sendo este, o único caminho para pensarmos criticamente a nossa existência e como as coisas estão postas na sociedade. Aqui, enfatizamos então, a importância de uma prática docente dialógica e que apresente discussões em torno do cotidiano dos educandos (Freire; Faundez, 1985). Questionar e discutir em torno da realidade e nuances do cotidiano é relevante em várias situações da vida financeira, uma vez que, possibilita aos indivíduos, compreender (ler) o cenário financeiro e expressar (escrever) suas percepções sobre ele (Baroni, 2021).

Desse modo, percebendo a importância do diálogo na EF, em específico, o diálogo que promova a criticidade do sujeito, Baroni (2021) produz a sua concepção de EF, que se distingue das demais apresentadas (OCDE, 2005b; Brasil, 2011; Silva, Powell, 2013; Muniz, 2016; Hartmann, 2021). Esta é mais voltada a formação inicial de educadores e demonstra fortes entrelaçamentos com a EMC, nas palavras da autora, temos que a EF

[...] é um processo de problematização da vida financeira pessoal e coletiva, tendo por objetivo compreender e analisar criticamente o mundo financeiro e suas implicações sociais, políticas e econômicas, em uma perspectiva de transformação dos mecanismos de dependência econômica e desigualdade social. Esse processo se dá por meio de diferentes análises, entre elas a análise matemática, voltada ao desenvolvimento da literacia financeira, conforme a compreendemos. (Baroni, 2021, p. 239-240)

Essa definição de EF atravessa as questões do ponto de vista matemático e formal, não estando restrita a cálculos de finanças, orçamentos entre outros. É uma perspectiva que proporciona uma compreensão mais ampla da vida financeira, atrelada ao cotidiano dos sujeitos.

A partir deste bojo de discussões que permeiam as significações de EF, em consonância com a EMC, compreendemos, que a Educação Financeira Crítica (EFC) é um convite a desenvolver habilidades que permitam aos indivíduos analisarem e refletirem criticamente o sistema financeiro e suas implicações na sociedade. É uma abordagem que envolve:

- 1) pensar o contexto social e econômico;
- 2) fazer indagações sobre as normas e estruturas financeiras postas no mundo, considerando a ética por trás da tomada de decisões;
- 3) fomentar a conscientização sobre questões como desigualdades, impactos do consumismo na vida pessoal e em sociedade, influência das propagandas e marketing no ato de consumo, etc.;
- 4) conscientizar os sujeitos para que não sejam apenas consumidores passivos, mas que se tornem agentes ativos e bem informados e desenvolvam assim, o empoderamento e a autonomia financeira;
- 5) compreender a interconexão das finanças com outras esferas da vida, como educação, gênero, saúde, raça, classe, bem-estar, justiça e direitos humanos.

Entendemos que a EFC busca, não apenas, promover a leitura e escrita do mundo financeiro, mas também, viabilizar uma compreensão significativa de implicações éticas, sociais, culturais e estruturais do sistema financeiro, para que assim, os indivíduos sejam capazes de tomarem decisões assertivas e críticas nas relações com as finanças, sejam elas no âmbito pessoal e/ou em sociedade.

Ademais, ressaltamos que a EFC no ambiente escolar, configura-se como um convite para a exploração das experiências referentes às finanças, desdobrando-se em vivências educacionais pautadas na interdisciplinaridade, dentre outras possibilidades, que, certamente, poderão extrapolar as fronteiras de sala de aula, em especial, com relação a produção do

conhecimento matemático, visto que essa é marcada por fatores sociais, culturais e emocionais. Refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem da EFC implica na ruptura com uma Matemática supostamente neutra, que é atravessada por diversas questões sociais. Na próxima seção exploramos a importância da EFC no contexto escolar, abordando, principalmente, a sua relação com a EPJAI.

1.2 Educação Financeira Crítica e EPJAI: um elo possível

A EF é um tema abrangente e, de acordo com Baroni (2021), é possível observamos sua presença em diversas situações da vida cotidiana. Nesse sentido, para um comerciante, a EF pode auxiliar numa administração consciente dos seus negócios; um matemático, pode explorar conceitos de juros e cálculos que estão envolvidos nas operações de empréstimos; um economista pode enxergá-la como uma ferramenta para contornar problemas envolvendo inflação e suas implicações diretas na vida das pessoas; já um ambientalista, por sua vez, pode levantar a preocupação com os impactos do consumismo no meio ambiente, como por exemplo, a produção de lixo.

De forma geral, nós podemos também enxergá-la da nossa maneira, seja para combatermos o consumo desenfreado, o endividamento ou, simplesmente, planejarmos as finanças pessoal e familiar (Baroni, 2021). Assim, estamos tratando de uma EF que pode ser vista e pensada de diferentes maneiras e interesses, não sendo diferente no âmbito educacional. Quando falamos de EFE, nos referimos à uma EF que permite a discussão de diversos temas (Silva; Powell, 2013), como exposto por Hartmann (2021, p. 62), podemos debater sobre “[...] o dinheiro e sua função na sociedade, juros, poupança, inflação, [...] planejamento financeiro, orçamento doméstico e impostos, [...] influência da mídia no consumo e armadilhas do marketing, [...] classes sociais, ética, desigualdades”, entre outros. Como já abordado, o ato de educar financeiramente não deve ser limitado ao ensino de técnicas de planejamento, visto que há um universo muito maior de preocupações nesse contexto.

Quando observamos os documentos norteadores da Educação Básica no país, notamos a presença de tópicos relacionados à EF. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998a), quando evidenciado sobre a importância de estudos relacionados à Matemática Financeira, os PCNs fazem referência aos conhecimentos que são necessários para a tomada de decisões de forma consciente (Hartmann, 2021), constando ainda, que os educandos devem “[...] posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas

diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (Brasil, 1998a, p. 07), indo ao encontro das significações que foram apresentadas de EF e EFC, como também, da EMC. Quando afirmado nos PCNs sobre o diálogo ser um instrumento de mediação, encontramos em AlrØ e Skovsmose (2010, p. 119-120), uma perspectiva sobre isto, no qual os autores compreendem o “[...] diálogo como uma conversação que visa à aprendizagem. Isso aponta uma interpretação na qual o diálogo não é concebido como uma conversação qualquer, mas sim, como uma conversação com certas qualidades”.

Destarte, no âmbito da EFC, o diálogo se mostra como um importante processo, uma vez que, o trabalho com a EFC não será efetivo se o educador, não conhece, ao menos, a realidade dos educandos. Por exemplo, numa turma em que eles se endividam, frequentemente, com o cartão de crédito, qual o ganho ou o sentido de ministrar uma aula sobre *bitcoin*¹³ ou investimento em ações? O contexto, no qual, estes indivíduos estão inseridos só será reconhecido a partir do diálogo, AlrØ e Skovsmose (2010, p. 135), enfatizam ainda sobre o diálogo ser um processo que relaciona “[...] atos de estabelecer contato, perceber, reconhecer, posicionar-se, pensar alto, reformular, desafiar e avaliar”, além de associar reflexões, vivências e aprendizagens antecedentes.

Apesar de ser referenciada sobre a importância do processo dialógico, nos PCNs, há uma menção também sobre a relevância do trabalho com temas transversais como Trabalho e Consumo, Ética e Meio Ambiente (Brasil, 1998b), temáticas nas quais, podem ser englobados tópicos da EF. Ademais, a inclusão dos temas transversais ao ensino, podem “[...] corroborar a construção da cidadania, por meio da participação crítica e desenvolvimento da autonomia dos estudantes” (Hartmann, 2021, p. 63).

Analisando os demais documentos norteadores das práticas educacionais no país, podemos citar a BNCC (Brasil, 2018), que indica a incorporação dos temas transversais e integradores ao currículo, bem como, uma promoção da EF na Educação Básica. Na Base, a temática é atrelada a questões interdisciplinares, no entanto, estas aparecem com mais frequência na área de Matemática e Suas Tecnologias, sendo destinada assim, a responsabilidade principal de promoção para o educador matemático.

Transportando e focalizando essa discussão no estado da Bahia, destacamos o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), norteador das práticas educacionais desse território. O DCRB enfatiza a importância do trabalho com Temas Geradores na EPJAI,

¹³ O *bitcoin* é a primeira moeda virtual criada no mundo, ele pode ser utilizado para compra de serviços, produtos e itens em estabelecimentos que o aceitem como pagamento.

uma vez que, estes “[...] ampliam as possibilidades de uma abordagem totalizante [...] permite a problematização dos objetos de conhecimento pertinentes às áreas de conhecimento, superando o mero espontaneísmo e o esvaziamento dos diálogos estabelecidos no âmbito da educação” (DCRB, 2022, p. 304). O trabalho com esses temas gerados a partir da realidade dos educandos, na perspectiva freiriana, demanda uma abordagem crítica, dinâmica, dialógica e problematizadora do mundo (DCRB, 2022), se aproximando dos princípios da EFC.

Assim sendo, a EF pode e deve ser trabalhada na EPJAI, visto que, permite a discussão de tópicos gerados a partir dessa temática, que está intrinsicamente ligada a realidade dos educandos que a integram, pois eles, estão a todo instante lidando com o universo financeiro e tomando decisões sobre este mundo. À vista disso, destacamos que, a EF ainda possibilita um trabalho contextualizado e interdisciplinar, não focado apenas no componente de matemática, fator importante no processo de ensino e aprendizagem de pessoas jovens, adultas e idosas, uma vez que, os documentos norteadores indicam que os educadores trabalhem com temas que compõem a realidade desses educandos.

A EPJAI é uma modalidade de ensino que possui como objetivo oportunizar aos indivíduos que não tiveram acesso ao ensino regular na idade correta o acesso à Educação Básica, visando ainda a sua inserção na sociedade e no mercado de trabalho (Fonseca, 2012). Ao percorrer as salas de aulas, percebe-se que a uma das principais características da EPJAI, sendo encarada como uma problemática social, é o analfabetismo, que é fruto da miséria social promovida pelas desigualdades (Rosseto, *et. al.*, 2020). Enfatizamos ainda que, por vezes, esses sujeitos são inseridos em turmas com pessoas que já são alfabetizadas e que têm avanços em relação aos componentes curriculares. Dessa forma, inferimos que, o educador possui um papel de fundamental importância na referida modalidade, uma vez que, por meio dele, os educandos serão direcionados ao desenvolvimento da apropriação dos conceitos e, nas palavras de Rosseto *et. al.* (2020, p. 03), o educador que leciona para estas turmas, “[...] deve ter um olhar diferenciado para os processos de ensino e aprendizagem, buscando associar a teoria com a prática”.

Como defende Freire (1992), a relação do educador-educando no processo de alfabetização de jovens e adultos demanda um autêntico diálogo, além disso, devemos conhecer a individualidade de cada um e trabalhar para suprir as necessidades que vão surgindo no decorrer das aulas. Além disso, como exposto por Streck, Redin e Zitikoski (2017), na perspectiva de Freire, a alfabetização deve ultrapassar as barreiras da palavra escrita, uma vez que, “[...] a compreensão crítica do ato de ler se antecipa e se alonga na

inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da leitura daquele” (Freire, 1982, p. 09).

A maioria dos educandos da EPJAI vem de um longo e cansativo período de trabalho, alguns de anos sem frequentar a escola (Fonseca, 2012), assim sendo, é necessário que o educador apresente responsabilidade, dedicação e criatividade para que esses educandos sejam incentivados a permanecer estudando. De acordo com Freire (2015), há uma pluralidade no público dessa modalidade, formada por homens, mulheres, camponeses e urbanos, que “[...] tem um acúmulo de conhecimento construído por uma experiência existencial, o qual deve ser considerado no processo educacional” (Silva, 2020, p. 24). É orientado na Proposta Curricular para a EPJAI, que o ensino de matemática

“[...] contribua para a valorização da diversidade sociocultural, criando condições para que os educandos utilizem do conhecimento prévio e se tornem agentes da transformação de seu ambiente, participando mais ativamente no mundo do trabalho, das relações sociais, da política e da cultura” (Silva, 2020, p. 24)

Podemos notar que esse objetivo vai ao encontro dos princípios da EMC, uma vez que, incentiva uma educação que seja problematizadora da realidade e rompa com as características da educação bancária proposta por Freire (2021b). Aqui enfatizamos sobre as vastas possibilidades de se inserir tópicos da Educação Financeira no processo de ensino e aprendizagem da EPJAI, olhando não somente para o educador matemático, mas também, para educadores de outras áreas de conhecimento. Os sujeitos que integram a EPJAI não são “crus”, são pessoas que já possuem conhecimentos adquiridos a partir das suas experiências nas relações e interações sociais. Se torna pertinente explorar temáticas relacionadas a EF, visto que, esta se revela como um convite para os educandos “[...] apresentarem e discutirem suas maneiras próprias de resolver problemas” (Silva, 2020, p. 26), tomarem decisões assertivas e críticas, assim como, conhecerem e questionarem as estruturas e o sistema financeiro, além de se constituírem como cidadãos bem informados acerca das finanças.

2 PROCESSOS METODOLÓGICOS E ESTRATÉGIAS PARA A PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a construção da pesquisa, objetivando por meio deles, compreender qual o papel da EFC na formação de educandos na EPJAI. Optamos por organizá-la da seguinte maneira: primeiramente, caracterizamos e delineamos a abordagem da pesquisa, em seguida, discorremos sobre os instrumentos que foram utilizados para produzir os dados, bem como, as estratégias adotadas para análise destes, por fim, revelamos o contexto, no qual, a pesquisa está inserida, além dos participantes que a integraram.

2.1 Características e abordagem da pesquisa

O objetivo desta pesquisa foi pensado para responder à questão norteadora: *Qual o papel da Educação Financeira Crítica na formação de educandos da EPJAI?* A partir do exposto, precisávamos compreender como acontece o trabalho com a EF. Assim, optamos por desenvolver este estudo a partir da abordagem qualitativa (Lükde, André, 1986), visto que, essa é uma pesquisa interpretativa e emergente, onde os pesquisadores se envolvem numa experiência intensiva com os participantes (Creswell; Creswell, 2021). Possibilitando que, os indivíduos investigadores mergulhem na situação pesquisada, participando de todas as etapas do processo e permite que, por meio da proximidade com os sujeitos investigados, sejam enfatizados as particularidades e significados do fenômeno para os envolvidos (Goldenberg, 2015).

A partir da abordagem qualitativa, buscamos “investigar as discussões geradas pelos educandos e educadores da EPJAI em uma aula de Educação Financeira”, corroborando para a compreensão do seu papel na formação inicial dos sujeitos envolvidos. Na visão de Fontes (2019, p. 68), “[...] quando um pesquisador investiga um objeto, ele compreende que aquele é constituído pelo seu ambiente natural, ou seja, o contexto social e cultural faz parte do objeto e o influencia assim como influencia o que é observado”. Dessa forma, no âmbito metodológico da pesquisa, nos inserimos no contexto escolar da EPJAI, isto para, conseguirmos observar como o objeto de estudo se constitui em uma sala de aula da Educação Básica, como também, este se relaciona com o meio, na qual, os sujeitos fazem parte. Essa proposta nos leva, também, a observar as influências geradas para aqueles que foram observados, bem como o observador, a partir das investigações e discussões realizadas.

Além disso, ressaltamos que a pesquisa qualitativa, normalmente, ocorre no cenário natural onde se encontra o participante da pesquisa, nesse caso específico, o contexto de uma turma da EPJAI de um colégio da rede estadual do município de Piripá/BA. Ademais, permite o desenvolvimento de detalhes mais profundos a respeito dos sujeitos envolvidos, do ambiente em que estão inseridos, bem como das experiências reais de cada um com o objeto de estudo (Creswell; Creswell, 2021). Sendo assim, o pesquisador qualitativo busca o envolvimento dos participantes para a produção dos dados, de maneira que, eles sejam ativos em todo o processo, estabelecendo harmonia e credibilidade com os envolvidos.

Nesse sentido, optamos por utilizar da modalidade do estudo participante, visto que, a autora deste trabalho estava inserida no ambiente investigado, corroborando e experienciando com a realidade dos sujeitos envolvidos (Severino, 2013). O estudo participante se caracteriza pela interação entre os pesquisadores e os sujeitos investigados (Gil, 1946), não se restringindo apenas à observação. O que, de certa forma, se relaciona diretamente com o objeto de estudo que busca compreender a EF numa perspectiva crítica na formação de educandos da EPJAI.

A seguir apresentamos os instrumentos para produção dos dados, na qual, utilizamos a observação participante na aula de EF, um questionário aplicado para os educandos da turma e uma entrevista semiestruturada, realizada com a educadora que desenvolveu a atividade em sala.

2.2 Observação, questionário e entrevista como instrumentos para produção de dados

Neste viés, a produção de dados se desenvolveu a partir de três instrumentos: observação participante, visando conhecer os sujeitos da pesquisa e visualizar as discussões geradas na aula; um questionário, realizado com os educandos, para complementar as informações na fase exploratória da pesquisa. E ainda, objetivando compreender o impacto e a pertinência do trabalho com a EFC, pela perspectiva da educadora, foi realizada uma entrevista semiestruturada, já que esta permite, uma certa liberdade no desenvolvimento da pesquisa, ou seja, o pesquisador pode, alterar o seu roteiro, mudar a ordem das perguntas e, até mesmo, acrescentar novas questões pensadas no momento da entrevista (Fiorentini; Lorenzato, 2012).

Neste sentido, a entrevista “[...] além de permitir uma obtenção mais direta e imediata dos dados, serve para aprofundar o estudo, complementando outras técnicas de coleta de dados de alcance superficial ou genérica” (Fiorentini; Lorenzato, 2012, p. 120) e, ainda, como

apresentado por Bogdan e Biklen (2006), ela pode ser utilizada como procedimento único ou auxiliar na produção dos dados. Aqui, a utilizaremos como fonte auxiliar, visto que foi necessário fazer uso de outros instrumentos, como o questionário e a observação.

O questionário como instrumento de pesquisa, constitui “[...] o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato” (Gil, 1946, p. 115), assim sendo, a elaboração deste, deve se consistir em “[...] traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos” (Gil, 1946, p. 116), para que as respostas obtidas não sejam analisadas erroneamente.

No que se refere as possibilidades demonstradas a partir da observação participante, é nítido o “contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno” (Lükde; André, 1986, p. 26). Corroborando à ideia de Lükde e André, Fiorentini e Lorenzato (2012, p. 109), discorrem que apesar de apresentar vantagens, é preciso muita atenção, memória e método na produção de dados com observação, sendo importante que, “durante o registro, após os acontecimentos, o pesquisador deve separar sempre o descritivo (fatos) do analítico (opinião)”.

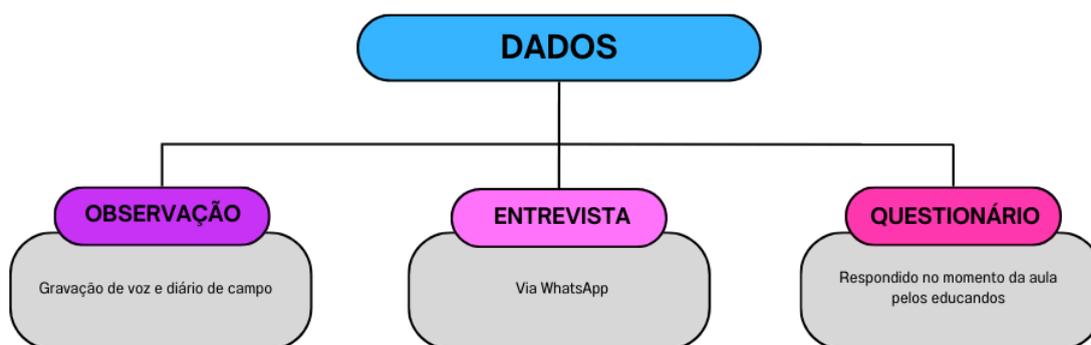
Consoante a isso, a dinâmica para produção de dados foi realizada, inicialmente, a partir da observação de uma aula de EF em uma turma da EPJAI, para registro dos dados, as vozes dos educandos e da educadora presente foram gravadas para transcrição e análise, posteriormente. Enfatizamos aqui, que a observação foi definida como participante, uma vez que a autora deste trabalho, se reuniu com a educadora regente da turma, para construir juntas o planejamento da aula, visando fazer sugestões para um melhor aproveitamento da aula.

Durante esse momento formativo, ainda foi respondido pela turma um questionário, com perguntas objetivas e subjetivas (Apêndice 2), no intuito de complementar os dados obtidos, assim como, uma entrevista semiestruturada com a educadora, com vistas a compreender, principalmente, a sua perspectiva sobre EFC no contexto escolar da EPJAI. Vale ressaltar que a entrevista foi realizada pelo *WhatsApp*, devido a educadora não possuir disponibilidade de tempo durante a semana para se reunir presencialmente.

Por fim, destacamos que estes dados foram tratados, organizados e analisados com base nas especificidades e as articulações com o objeto de pesquisa. Adotamos então, como estratégias para análise dos dados, a triangulação dos métodos, que para Creswell e Creswell

(2021), garante a validade dos dados, quando estes são produzidos por meio de múltiplos instrumentos, especificamente, nessa pesquisa a observação, entrevista e questionário, como apresentado na Figura 1. Goldenberg (2015, p. 63), reitera que esse processo busca “[...] abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo”.

Figura 1: Triangulação dos dados



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Desta forma, acreditamos que, a partir da triangulação entre os diferentes instrumentos utilizados aqui, nos auxiliaram no momento de verificação dos dados. Destarte, dividimos nossa análise em dois momentos, agrupando os diálogos conforme aconteceu a aula, destacamos que os percursos propostos aqui, deverão responder à pergunta diretriz já apresentada. Na próxima subseção, conheceremos o contexto e os sujeitos da pesquisa.

2.3 Conhecendo o contexto e os participantes da pesquisa

A pesquisa está compreendida na cidade de Piripá, situada no sudoeste do estado da Bahia. Segundo o último censo demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2022, o município se estende por 439,7 Km² e conta com uma população de, aproximadamente, 9 mil habitantes. Este apresenta como municípios limítrofes Lagoa Real, Brumado, Malhada de Pedras, Guajeru, Maetinga, Caculé, Ibiassucê e Tremedal, estando localizado há 717 Km de Salvador, capital baiana.

Referente ao contexto educacional da cidade, Piripá conta com vinte unidades escolares, todas elas da rede pública de ensino, sendo dezenove delas de dependência administrativa municipal e, apenas uma, estadual. Na zona urbana, há duas escolas destinadas para a Educação Infantil, três para o Ensino Fundamental e uma para o Ensino Médio, as demais instituições estão distribuídas pela zona rural do município. Ressaltamos aqui, que para a realização da pesquisa, foi escolhido o colégio da rede estadual, visto que, apenas esse possui a modalidade de ensino, na qual, queríamos investigar, neste caso a EPJAI.

Assim sendo, a produção dos dados foi realizada no Colégio Estadual de Piripá, sendo este, a única unidade escolar de Ensino Médio e EPJAI da cidade, na qual, é responsável pela formação de educandos da área urbana e rural do município. A instituição é de médio porte e contém, aproximadamente, trezentas e quarenta e três matrículas com funcionamento nas modalidades do ensino dito regular e EPJAI. Ela apresenta um espaço físico amplo, subdividido em oito salas de aula, uma secretaria, uma sala de professores, uma direção, uma mecanografia, uma biblioteca, um almoxarifado, cozinha, pátio para realização de eventos e para o lazer dos educandos e sanitários do gênero masculino e feminino.

Direcionando os olhares para os participantes da pesquisa, a produção dos dados foi realizada em uma turma da EPJAI, referente a 1ª série do Ensino Médio e denominada pela escola como “EJA Juvenil”. Essa era composta por vinte e cinco educandos matriculados, com faixa etária compreendida entre 16 e 18 anos, sendo que no dia do desenvolvimento da prática pedagógica, estavam presentes dezessete participantes, sete do gênero feminino e dez do gênero masculino. A partir das respostas apresentadas no questionário sobre o perfil destes educandos, cinco deles se autodeclararam pretos, nove pardos e três brancos, além disso, a maioria da turma é da classe trabalhadora, onze deles pontuaram que possuíam algum emprego, desde atendente de caixa, até serralheiro. Além disso, quando indagados sobre o seu salário, três deles recebem, mensalmente, um salário mínimo, enquanto quatorze, possuem uma renda inferior a isto.

Além disso, a produção dos dados, se estendeu à educadora da turma. Ela era a única da escola que trabalhava com a eletiva de EF, além disso, leciona a disciplina de matemática para demais turmas. A educadora possui 39 anos de idade, sendo licenciada e mestra em Matemática pela UESB, especialista em Ensino de Matemática, como também em Matemática e Gestão Escolar. Foi pontuado por ela durante a entrevista, que é educadora da Educação Básica nos níveis de Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio, atuando há 17 anos na rede pública. Ela lecionou para turmas da EPJAI no Ensino Fundamental durante 7 anos e, no Ensino Médio, este é o primeiro ano ministrando aulas para educandos da EPJAI. A seguir, apresentamos as estratégias que foram adotadas para o tratamento e análise dos dados produzidos.

3 COMO ESTAMOS NOS COMPORTANDO FINANCEIRAMENTE?

Neste capítulo, apresentamos os dados que foram produzidos a partir da observação da aula, entrevista semiestruturada e do questionário aplicado na turma, realizamos também, uma discussão dos resultados da pesquisa, buscando responder à pergunta diretriz: *Qual o papel da Educação Financeira Crítica na formação de educandos da EPJAI?* As análises e discussões dialogam com os aportes teóricos que fundamentam a escrita deste trabalho.

A seguir será exposta a descrição do momento formativo, na qual, ocorreu a produção de dados, dando ênfase as observações feitas pela autora desta pesquisa. A prática pedagógica relatada nas próximas subseções, foi desenvolvida durante as aulas da eletiva de EF na turma da EJA Juvenil, nível médio da EPJAI, do Colégio Estadual de Piripá. Esta ocorreu em uma segunda-feira, no turno noturno, em um total de duas horas/aulas.

Enfatizamos que, a proposta foi um estudo de cunho investigativo, com o intuito de compreender como acontece o trabalho com a EFC no contexto da EPJAI. Os diálogos emergentes na aula foram gravados e transcritos, sendo que neste capítulo, foram apresentados de maneira a garantir o anonimato dos participantes, assim, foram identificados como “E” acompanhado de um algarismo, para distinguir os educandos e, nas falas da educadora, foram utilizadas somente o termo “educadora”, preservando também o seu anonimato.

A partir da análise dos dados produzidos, organizamos as informações e optamos por dividir esse capítulo em duas subseções, visto que, na aula, ocorreram discussões acerca de duas temáticas da EF, sendo a primeira delas, a influência do marketing e das propagandas sobre a vida do consumidor e, a segunda, consumo consciente.

3.1 Como o marketing e a propaganda influenciam o nosso modo de pensar financeiro?

Os resultados apresentados a seguir, referem-se à aula, na qual, a educadora discutiu com os educandos a respeito de comportamentos financeiros. Inicialmente, ela cumprimentou a turma e desenvolveu uma fala inicial, visto que já possuíam uma certa proximidade. Em seguida, apresentou o tema da aula e projetou na televisão dois vídeos, objetivando, trabalhar com os educandos acerca das estratégias de marketing, propagandas e a influência delas em nossas vidas.

O primeiro vídeo fazia menção a uma propaganda de um refrigerante do ano de 2011, no qual, vários amigos estavam na praia se divertindo e após abrir a bebida acontecia uma

explosão de felicidade. Ao final do vídeo, era transmitida a frase “abra a felicidade”, referindo-se ao refrigerante, como é possível observar na Figura 2.

Figura 2: Explosão de felicidade



Fonte: Youtube Brasil (2023)

Podemos ressaltar ainda que, para tornar a propaganda mais interessante e atrativa, foi usada uma música animada, que tinha como refrão “[...] vem curtir comigo o dia, já vem / abra a felicidade você também / vamos sentir algo novo”. Quando analisamos essa parte da letra, percebemos que, o marketing por trás da publicidade, transmite a imagem de que o refrigerante é uma bebida que proporciona sensações diferentes de qualquer outra, que a felicidade só será alcançada caso o sujeito a consuma, aqui enfatizamos sobre a ideia de consumo estar atrelada a emoções, sensações e experiências, como proposto por Lipovetsky (2007).

O segundo vídeo era um comercial de uma rede de supermercados - Grupo Pão de Açúcar – neste, foi possível perceber que, diferentemente do primeiro, não apresentavam elementos que faziam referência à marca. A propaganda vinha acompanhada de cenas em que, as pessoas, demonstravam ser felizes em coisas simples do dia a dia, como por exemplo, em um almoço em família, um passeio no parque, num encontro com amigos, em brincadeiras, dentre outras. Além disso, era acompanhada por uma música interpretada pela cantora Clarice Falcão, que expressa em seus movimentos simplicidade, doçura e calma. Esta apresenta uma letra que remete a felicidade, em um dos seus trechos dizia:

O que faz você feliz?

Você feliz o que faz?

Você faz o que te faz feliz?

O que faz você feliz, você quem faz?

Pra ser feliz
O que você faz pra ser feliz?
[...]
Longe, perto ou dentro, tanto faz
Quem quer felicidade corre atrás
E as vezes ela pode está debaixo do nariz

Como podemos notar, era questionado a todo momento “o que você faz para ser feliz?”, como apresentado na Figura 3. Esse discurso, é construído com o objetivo de despertar o protagonismo do consumidor, para que ele busque o bem-estar, visto que “quem quer felicidade corre atrás”. O Grupo Pão de Açúcar, tem seus princípios comprometidos com essas perspectivas, principalmente, com o consumo de produtos saudáveis (Gomes; Andreoni, 2017).

Figura 3: Propaganda – Pão de Açúcar



Comercial Pão de Açúcar - O que você faz pra ser feliz?

Fonte: Youtube Brasil (2023)

Assim que terminou a reprodução do segundo comercial, um dos educandos questionou a educadora “*professora, por que nesse segundo vídeo não passou nada relacionado a esse tal Pão de Açúcar? Eu nem consegui descobrir o que é, é uma padaria?*”. Esta foi uma observação pertinente, uma vez que, quando vemos ou assistimos uma propaganda sobre algum produto ou marca, na maioria das vezes, ela demonstra o que é, justamente para convencer o consumidor de que aquilo é bom e deve ser comprado, como na publicidade do refrigerante.

O comercial da rede de supermercados, apresenta elementos ligados à memória e a criação de lembranças, a partir das sensações e emoções que são despertadas no público alvo. Para Gomes e Andreoni (2017, p. 03), essa publicidade pode ser compreendida como “[...] um

ato de linguagem, constituído sobre um jogo aberto de relações, variável, em dimensões explícitas e implícitas” e, exatamente nestas dimensões implícitas que se encaixa o questionamento do educando. Nessa perspectiva, a educadora fez a seguinte indagação para a turma: “*para vocês, como estas duas propagandas se relacionam? O que elas apresentam em comum?*”. Os trechos abaixo demonstram algumas das conclusões dos educandos:

(1) **E1:** *Ah, prof, acredito eu que seja porque as duas propagandas falam de felicidade, pelo menos na da Coca-Cola pede pra gente abrir a felicidade e na outra fica perguntando o tempo todo o que a gente faz para ser feliz. É isso mesmo?*

(2) **Educadora:** *Sim, você está correto. Mais alguém gostaria de responder?*

(3) **E2:** *Professora, os dois falam de felicidade, mas a diferença é que em um a gente teria que comprar alguma coisa para ser feliz e no outro não mostra comprando nada.*

(4) **E3:** *Eu não entendi o último vídeo não, como é que uma propaganda não fala sobre o produto que está vendendo? Isso não faz sentido nenhum pra mim, só fica repetindo toda hora o que é que você faz para ser feliz? Tudo aquilo que passou no vídeo me deixa feliz, mas se eu tomar uma “coquinha geladinha” com limão, eu também fico feliz do mesmo jeito.*

(5) **E1:** *É, mas se você gasta muito dinheiro comprando refrigerante, depois você vai ficar triste porque gastou.*

(6) **Educadora:** *Todos vocês estão corretos, os dois vídeos, realmente, tratam sobre a felicidade. O primeiro sobre a felicidade por trás do consumo e o segundo sobre a felicidade no “ser” e não no “ter”. O que eu quero dizer sobre a felicidade no “ser”? Alguém sabe?*

(7) **E4:** *Professora, professora, eu posso falar? Acho que é tipo aquela música “trem bala” né?! Que fala que a gente precisa valorizar mais os momentos e que o dinheiro não compra tudo.*

(8) **Educadora:** *Exatamente!!! Está relacionado com isso mesmo, vocês se lembram daquele filme que assistimos no comecinho do ano? A procura da felicidade?*

(9) **E2:** *Sim, professora, no filme o homem não era feliz porque enfrentava muitos problemas financeiros, aí ele vai em busca de um emprego e depois tenta investir e a partir daí vai perseverando até conseguir de fato, foi um filme muito bom.*

(10) **Educadora:** *Pois então, a felicidade ela pode ser comprada? Ou a felicidade não tem um preço, ou melhor dizendo, o valor da felicidade está nas coisas que não podem ser compradas? Reflitam em como as propagandas e a mídia nos vendem uma perspectiva de felicidade através do consumo.*

Até o momento desse diálogo, a educadora ainda não havia tocado na palavra “dinheiro”, no entanto, os próprios vídeos, por se tratarem de propagandas, já foram dando indícios que, posteriormente, chegaríamos neste tema. A partir das falas dos educandos podemos notar que, eles entenderam qual a mensagem os comerciais queriam passar sobre a felicidade. Quando o educando E3 explicita que não entendeu sobre o segundo vídeo, porque, “*como é que uma propaganda não fala sobre o produto que está vendendo? [...] só fica repetindo toda hora o que é que você faz para ser feliz?*”, percebemos uma certa insatisfação em sua fala, afinal ele queria ver o que a marca vende. Conforme, Gomes e Andreoni (2017), nem sempre as campanhas publicitárias querem mostrar, de fato, qual produto está vendendo, mas sim, incentivar o consumo e, atualmente, esse incentivo tem sido, muitas vezes, a partir da perspectiva de felicidade, afinal o que nos deixa feliz?

A educanda E2, expõe a diferença entre as propagandas, dizendo “*em um a gente teria que comprar alguma coisa para ser feliz e no outro não mostra comprando nada*”, ressaltamos mais uma vez, sobre o consumo estar vinculado a emoções, sensações e experiências (Lipovetsky, 2007), neste caso, a felicidade. Para Gomes e Andreoni (2017, p. 05) “[...] as campanhas publicitárias [...] trazem incentivos, recomendações e receitas rápidas de felicidade, contribuindo para que o tema, a busca permanente da felicidade, não seja esquecido em nenhum momento”, como bem exposto pelos autores, elas “parecem funcionar como lembretes”.

Ao analisarmos nossas redes sociais, notamos que a todo instante, é vendida uma imagem de felicidade, principalmente, por pessoas famosas ou celebridades com influência. Só seremos felizes se tivermos corpos de acordo com o padrão imposto pela mídia; só seremos felizes se tivermos um celular de última geração; só seremos felizes se pudermos realizar uma viagem para Maldivas ou Fernando de Noronha, dentre tantos outros exemplos que permeiam a mídia. Uma falsa felicidade é vendida e, como podemos perceber, esse sentimento é remetido ao consumo, a venda de serviços ou produtos que irão nos trazer um prazer momentâneo, indo ao encontro da fala (6) da educadora durante a aula, na qual, a imagem de felicidade é propagada, por meio do “ter” e não do “ser”.

É indiscutível que buscamos, a felicidade, cada qual a sua maneira, para alguns esta pode ser encontrada ao observar o pôr do sol, enquanto que, para outros, ela só pode ser encontrada na compra de um carro, por exemplo. Ressaltamos que, existe uma estratégia do marketing, denominada como “marketing da felicidade”, esta se refere à venda não de um produto ou serviço específico, mas sim, à venda de sensações, emoções e benefícios que determinada compra proporcionará ao cliente, aqui nos referimos a felicidade. Essa estratégia, objetiva, por meio do apelo emocional, fazer uma associação da marca a momentos especiais e felizes, como demonstrado nos dois vídeos apresentados na sala de aula pela educadora.

A partir da análise do questionário, quando os educandos foram indagados sobre a influência das mídias (TV, redes sociais, etc) e propagandas nos nossos hábitos de consumo, a grande maioria, enfatizou que estes meios interferem sim no momento das compras, a Figura 4 demonstra algumas dessas respostas.

Figura 4: As mídias e propagandas influenciam nos nossos hábitos de consumo?

Sim, eu acho que influencia, porque quando vimos uma certa promoção no Instagram mesmo que a gente não precise daquilo vamos querer comprar só pra satisfazer nossa vontade aí acaba fazendo dívida que nem podia.

Sim, muitas vezes nos deixamos influenciar pela gente vendo, e passamos a acreditar que só seremos felizes se adquirirmos aquele objeto.

Sim, quando vemos anúncios de produtos acabamos nos influenciando e comprando o que muita das vezes não precisamos.

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Notamos nas respostas destes três educandos que, para eles, a mídia exerce influência sobre nós no momento das compras, indo ao encontro da indagação da educadora na fala (10), além disso, pontuaram que esta interferência acaba fazendo com que consumamos produtos que não precisamos no momento. Ademais, um deles destacou que, temos a falsa impressão, de que só seremos plenamente felizes caso adquiramos determinado serviço ou objeto, indo ao encontro das palavras de Mansano e Lima (2017, p. 86) quando reiteram que

[...] o ideal de felicidade está sendo amplamente utilizado para incitar as formas de consumo pela via da estimulação. Assim, o consumo passa a ser compreendido como uma prática essencial à existência; uma prática quase vital que se manifesta em enunciados como: 'não posso viver sem isso!'. É claro que não são todos os que entram ou aceitam participar desse circuito tão bem articulado. E aí encontramos os limites das campanhas publicitárias.

Tratar essa temática dentro da sala de aula da EPJAI é fundamental, uma vez que, as pessoas jovens, adultas e idosas, precisam lidar com essas questões todos os dias. Como exposto pela educadora durante a entrevista, *“a sala de aula não é um espaço em que se deve trabalhar apenas temas engessados, mas sim um espaço onde devemos discutir temas de diversas naturezas, especialmente, aquelas que impactam diretamente nas nossas vidas”*, portanto, notamos a pertinência do trabalho com a EFC, tendo em vista, que essa permite a tratativa de diversos temas, dentre os quais, se encaixa a influência das mídias, marketing e propaganda no nosso modo de pensar financeiramente.

Nesta subseção, discutimos a partir das análises dos diálogos emergentes, entrevista com a educadora e questionário com os educandos, sobre a necessidade do cuidado diante das estratégias de marketing, visto que, há um processo de controle por trás das propagandas e comerciais. Os consumidores, por vezes, são “jogados” em uma alienação, que os impossibilita perceber os reais interesses do marketing. Por isso que, é comum encontrarmos

indivíduos com problemas financeiros adquiridos, principalmente, em função de compras realizadas por impulso, desnecessárias e por influência da mídia. O mercado conhece os seus consumidores, suas dificuldades, seus desejos e necessidades, assim sendo, sempre irá traçar estratégias que os façam consumir cada vez mais, aqui destacamos a importância da EFC. Visto que, ela busca conscientizar os sujeitos para que não sejam apenas consumidores passivos, percebendo os maus hábitos de consumo e os gatilhos e influências que os incentivam a fazer compras supérfluas, podendo leva-los até o endividamento.

3.2 Importância do consumo consciente

Num segundo momento da aula, após as discussões sobre felicidade e influência das mídias e propagandas, a educadora aproveitou para falar sobre o dia de promoções mais conhecido no Brasil, a *Black Friday*. Ela explicou para a turma que, normalmente, acontece na última sexta-feira do mês de novembro e tem como objetivo principal, oferecer promoções aos consumidores, em algumas lojas, o desconto chega a 50% do valor total do produto. Assim, exemplificou que, muitas pessoas se organizam o ano inteiro para fazer compras neste dia e que, em lojas de departamento, os indivíduos ficam em filas quilométricas para tentar comprar aquilo que deseja. Podemos observar alguns trechos do diálogo realizado com a turma:

(11) Educadora: *Logo logo chega a Black Friday, vocês pretendem comprar algum produto nesse dia?*

(12) E3: *Eu sim, professora, estou precisando de um celular, tenho juntado um dinheirinho para comprar.*

(13) Educadora: *E você já parou para analisar os valores deste produto?*

(14) E3: *Ah não, professora, sei que na Black Friday tudo fica mais barato, pelo menos é mais barato do que aqui em Piripá, né?! Porque aqui os vendedores “metem a faca” na gente, nunca vi igual, aqui tudo é mais caro.*

(15) E6: *Oh amigo, mas você sabia que essa tal de Black Friday é um grande golpe? Eles sobem os preços no meio do ano e aí quando chega nesse dia, fala que tá com desconto, quando na verdade é só o valor verdadeiro do produto mesmo.*

(16) Educadora: *Sua amiga está certa, quando não analisamos os preços durante essas grandes promoções, muitas vezes, podemos “entrar em uma grande furada”, por isso é tão importante ficarmos sempre pesquisando os preços dos produtos. Como você sabe que aqui em Piripá os comerciantes cobram um valor maior?*

(17) E3: *Ohhhh gente, basta a gente dar uma pesquisadinha na internet pra ver, por exemplo, um celular que custa R\$ 900,00 nas Casas Bahia, aqui em Joelma, ela cobra R\$ 1200,00, isso não faz nem sentido, professora. É querer roubar do cliente na cara dele.*

(18) Educadora: *E o que te garante que as grandes lojas, ainda mais as virtuais, não estejam cobrando valores mais altos que o normal também?*

(19) E3: *Não sei te responder não, professora, mas eu acho que comprar pela internet é muito melhor, tem mais opções também, várias lojas que vendem a mesma coisa, então a gente tem um monte de possibilidade para escolher o que melhor cabe no nosso bolso. Eu vou dar uma pesquisada agora pra ver como estão os*

preços dos celulares e aí no dia da Black Friday eu olho de novo, vai que estão mais altos e eu “me ferro” né?

(20) Educadora: *Sim, é importante que você faça isso mesmo, precisamos começar a ter mais consciência na hora de consumir algum produto, principalmente, para não sermos “passados para trás”. Sempre que vocês forem comprar algo, pesquisem os preços, façam uma listinha, vejam se conseguem pagar à vista, se não conseguirem, se planejem direito para não acabar estourando o limite do cartão de crédito, ou para não deixarem a fatura em atraso, isso é muito importante!!!*

Podemos perceber durante o diálogo que, ao iniciar a conversa, o educando E3 não tem noção sobre as desvantagens existentes em consumir um produto sem fazer uma pesquisa de preços antecipada, enquanto que, a educanda E6 possui uma certa experiência adquirida a partir de suas vivências financeiras. Apesar de dizer que “na Black Friday tudo fica mais barato” sem ter muita certeza, o educando E3, demonstra na fala **(12)** que se preocupa com a forma que tem consumido certos produtos, visto que tem “*juntado um dinheirinho*”, ou seja, tem se planejado financeiramente para comprar o que deseja.

Os educandos da EPJAI lidam com o universo financeiro todos os dias e apresentam experiências para dialogar sobre temáticas que perpassam esse âmbito. Durante a observação da aula, notamos que por mais que a turma fosse composta de jovens com faixa etária compreendida entre 16 e 18 anos, a maioria deles trabalhavam, algumas jovens já eram mães e precisavam garantir, juntamente, ao seu parceiro, o sustento para casa. Destarte, destacamos a importância de se trabalhar com a EFC dentro dessas salas de aula, uma vez que, como explicitado no diálogo, diversas são as posturas adotadas pelos educandos no momento de realizar suas compras.

Podemos dizer que, essas posturas, são influenciadas por diferentes fatores externos. Observamos nas falas **(14)**, **(17)** e **(19)**, que o educando E3 acredita que a *Black Friday* é um ótimo dia para fazer compras devido à fama atrelada a esse dia. É divulgado em todos os meios midiáticos (TV, redes sociais, rádios, etc) sobre essa sexta-feira ser o dia “mais barato” do ano, aqui enfatizamos novamente, sobre a influência das mídias, propagandas e marketing sobre os hábitos financeiros do consumidor. Por qual motivo o educando E3 sabe que existe uma grande diferença de valor em compras feitas virtualmente e compras feitas de forma presencial? Por que para ele é mais fácil pesquisar os preços nas lojas da própria cidade e não na internet? Por que em Piripá, os preços são mais altos? São questões como essas que nos levam a refletir sobre a importância de discussões sobre o consumo consciente.

Por estarmos inseridos no local da pesquisa, enfatizamos que, na maioria das vezes, nos pequenos municípios há, de fato, uma alta nos preços dos produtos. Isso se dá, justamente, pela falta de concorrência comercial, diferente das lojas virtuais, como exposto

pelo educando E3, quando afirma “*comprar pela internet é muito melhor, tem mais opções também, várias lojas que vendem a mesma coisa, então a gente tem um monte de possibilidade para escolher o que melhor cabe no nosso bolso*”. Aqui são revelados os processos de controle mercadológico, uma vez que, existe a lei da oferta e procura, fenômeno este, que determina os preços no mercado. Se há concorrência, os preços diminuem, ao contrário, aumentam.

Durante esse diálogo, percebemos uma tímida produção de conhecimento matemático, tímida porque, não se revelou como assunto principal na discussão. Mas os educandos expressaram em suas falas, a indispensabilidade de saber comparar e analisar os preços dos produtos antes de adquiri-los. Outro ponto a ser destacado se refere ao desenvolvimento da autonomia e empoderamento financeiro dos sujeitos, uma das cinco abordagens da EFC. Quando a educadora sugere que “*pesquise os preços, façam uma listinha, vejam se conseguem pagar à vista, se não conseguirem, se planejem direito para não acabar estourando o limite do cartão de crédito, ou para não deixarem a fatura em atraso*”, ela está contribuindo para que essa autonomia seja efetiva, corroborando com Freire (2021a, p. 105), visto que “[...] ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas”.

Por meio das anotações feitas no diário de campo, ressaltamos que, para a educadora, o incentivo à autonomia financeira é fundamental quando estamos falando de consumo, ela ainda, enfatiza sobre a importância desses assuntos serem trabalhados na escola. Na sua perspectiva, as principais temáticas que devem ser abordadas nas aulas de EF, são: orçamento financeiro pessoal e familiar, consumo e consumismo, forma de crédito, investimentos, o impacto dos juros na vida dos indivíduos, dentre outras. Consoante a isso, a educadora defende durante a entrevista que “*o conhecimento financeiro pode fazer dos nossos jovens estudantes, pessoas bem sucedidas em vários aspectos, desde que apliquem os conhecimentos na sua vida, pois sabe-se que problemas financeiros, tem muitos impactos sociais e emocionais*”, indo ao encontro dos princípios de EF apresentados nos estudos de Baroni (2021) e Hartmann (2021).

Finalizadas as discussões sobre *Black Friday* e dando seguimento as discussões, dois dos educandos dividiram com a turma sobre experiências pessoais e familiares, o educando E1 falava sobre listar os produtos no momento da compra, enquanto o E4, sobre o uso do cartão de crédito, cabendo a educadora, mediar esses diálogos para que compreendessem da melhor maneira sobre a importância da EFC.

(21) E1: *Você falou sobre lista e agora eu lembrei que meus pais sempre que vão ao supermercado fazer a compra do mês, eles levam anotado tudo que estamos precisando em casa, professora. Minha mãe é meio doida, antes de ir, ela sempre olha tudo o que tem na dispensa, diz que é para não trazer algo que já tenha em casa. Se ela trouxesse, não era só deixar guardado para o próximo mês?*

(22) Educadora: *Você consegue perceber que o que sua mãe está fazendo é um consumo consciente? Ela não precisa consumir mais do que precisa de fato. O problema em ela levar para casa coisas que não precisam no momento, é que ela pode gastar mais do deseja, se endividar sem precisão e outra, se for algo com pouca validade? Ela pode até perder o produto. Esse é um exemplo que todos nós deveríamos seguir, mas que nem sempre fazemos.*

(23) E1: *De fato hein, professora, vou falar para ela sobre essa aula de hoje, que doido sou eu por achar ela doida com essas coisas envolvendo dinheiro.*

(24) Educadora: *Lembram daquele filme que assistimos “Os delírios de consumo de Becky Bloom”? Ele demonstra sobre o quanto devemos nos conscientizar a respeito do consumo, porque se ele for desenfreado, corremos sérios riscos financeiros e isso, é mais perigoso ainda, se estivermos fazendo uso do cartão de crédito.*

Na fala **(21)**, percebemos que o educando E1 não compreende bem o motivo dos seus pais verificarem quais alimentos/produtos ainda há na despensa de casa antes de ir ao supermercado. Como bem explicado pela educadora **(22)**, este é um hábito de consumo consciente e uma simples conferida, pode evitar o desperdício dos produtos, além de possibilitar que os consumidores não gastem dinheiro com coisas supérfluas ou desnecessárias no momento. Quando indagados no questionário se eles ou os pais costumavam fazer lista de compras quando vão ao supermercado, oito dos educandos responderam que não, demonstrando assim, que este não é um hábito praticado por eles.

Destarte, para o consumo ser consciente e assertivo, é preciso que os sujeitos se façam algumas perguntas no momento das compras, dentre as quais, “eu quero fazer?”, “eu preciso?”, “eu posso?”. Muitas vezes queremos adquirir um determinado produto ou serviço, mas não precisamos dele naquele instante, devemos ainda, nos atentar à terceira pergunta, temos dinheiro suficiente para compra-los de imediato? Outro fator importante, é identificar os gatilhos que nos levam a consumir impulsivamente, como explicado pela educadora na fala **(22)**. Assim sendo, o exercício da auto reflexão é necessário no ato de comprar, estabelecer limites, comparar os preços, fazer orçamentos são atitudes que nos auxiliam na tomada de decisões (Skovsmose, 2014) conscientes sobre as nossas finanças. Conforme abordado pela educadora durante a entrevista, uma das vantagens de se discutir e aprender sobre finanças no contexto escolar é a “*formação integral de cidadãos que conseguem aplicar os seus conhecimentos adquiridos em sala de aula na sua vida cotidiana*”.

Caminhando para o final da aula, a educadora comentou sobre o filme “Os delírios de consumo de Beck Bloom” e sobre os perigos do mau uso do cartão de crédito, como

apresentado na fala (24). Nesse sentido, alguns educandos aproveitaram para compartilhar experiências relacionadas a esse tema, podemos observá-las nos trechos a seguir:

(25) E4: *Prof, minha mãe usa o cartão de crédito em praticamente toda compra e, aí esses dias, ela tava reclamando lá em casa pro meu pai que o limite dela já tinha acabado, que não sabia o que ia fazer mais sem cartão.*

(26) Educadora: *Sim sim, se ela sempre usa, chega em um momento que o limite acaba mesmo e é aí que devemos tomar o maior cuidado do mundo! Porque assim, se ela exceder esse limite que o banco deu para ela, ela vai se endividar muito, corre o risco do nome dela ficar sujo e outra, ela vai pagar juros altos na fatura.*

(27) E4: *Vixe, ainda bem que ela não estourou o limite, acho que ela nem sabe disso de juros na fatura, como funciona? Eu nunca ouvi falar, é o mesmo que estudamos aqui na escola?*

(28) Educadora: *É o mesmo sim, só que, geralmente, os bancos cobram no regime de juros compostos, que é aquele que cresce exponencialmente, os juros serão cobrados em cima dos juros do cartão.*

(29) E1: *Tem gente que se acha poderosíssimo só porque tem um cartão de crédito, mal sabem eles o quanto isso faz mal, lá em casa mesmo meu pai não deixa eu pedir um não, porque ele diz que só influencia a gente a comprar as coisas sem nem ter dinheiro, ficamos achando que temos dinheiro só porque temos limite.*

(30) Educadora: *O mau uso do cartão de crédito pode, de fato, nos levar ao descontrole financeiro. Esse crédito é uma espécie de empréstimo que fazemos ao banco, como se fosse um aluguel.*

Conforme o relato dos educandos, conseguimos observar um certo padrão em suas falas, ambos esboçam preocupação quanto ao uso do cartão de crédito. A pergunta do educando E4 (27) é bastante pertinente, visto que, como demonstrado na pesquisa da BCC News (Carrança, 2023), o principal fator de inadimplência no país é o mau uso do cartão de crédito. Observamos que durante a aula, a educadora destacou sobre a importância de não deixar que o cartão entre no rotativo, já que este traduz juros altos ao mês.

Ademais, por meio desse diálogo, a educadora conseguiu trabalhar conceitos matemáticos com os educandos, como a definição de juros simples e composto, crescimento linear e exponencial, além de conceitos não-matemáticos, como endividamento e inadimplência, corroborando assim, com Muniz (2016), Leffler (2019) e Hartmann (2021), quando destacam que a EF permite trabalhar com temas matemáticos e não-matemáticos.

Enfatizamos que esse momento de discussões com a turma é imprescindível para o desenvolvimento de uma prática docente significativa, já que esta, possibilita uma maior interação entre os educandos e a educadora. Freire (2021b, p, 109) defende que

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Os diálogos emergentes da proposta de aula, representou um momento de troca de vivências e experiências, visto que os educandos não são desprovidos de conhecimentos acerca da temática trabalhada, estes contribuíram para (re)construção de novas significações acerca da EF, possibilitando que pensássemos criticamente sobre as perspectivas que foram envolvidas na prática pedagógica.

Destacamos aqui a importância da EFC no contexto da EPJAI, uma vez que os educandos estão inseridos no universo monetário, fazendo transações, adquirindo produtos, prestando serviços, dentre outros. No decorrer da entrevista, a educadora pontua que, a EFC possibilita “que os alunos possam refletir sobre a sua realidade, buscando melhorar aspectos simples, mas que se tornam problemas em sua vida pela falta de conhecimento”, ademais, enfatiza ainda que, esta impacta de forma positiva e singular na vida dos educandos, pois “o conhecimento financeiro pode fazer dos nossos jovens estudantes, pessoas bem sucedidas em vários aspectos, desde que apliquem os conhecimentos na sua vida, pois sabe-se que problemas financeiros tem muitos impactos sociais e emocionais”.

Os educandos, por sua vez, também consideram a EF importante, já que ela nos dá instrumentos necessários para controlar os gastos, administrar melhor as finanças pessoais, como exposto no questionário por um educando, para “não cometer erros financeiros que poderá prejudicar no futuro”. Na Figura 5 podemos observar as respostas de alguns educandos quanto à importância da EF.

Figura 5: A Educação Financeira é importante?

Você considera a Educação Financeira importante? Porquê? Sim, por que com a educação financeira aprendemos a administrar melhor o dinheiro pessoal e não cometer erros financeiros que podem prejudicar no futuro.
Você considera a Educação Financeira importante? Porquê? Sim, é essencial para quem busca valer-se e não ter que ter mais um quilo de peso em relação ao orçamento.
Você considera a Educação Financeira importante? Porquê? Sim. Pois precisamos ter responsabilidade e saber usar de forma moderada o dinheiro, e vários outros casos.
Você considera a Educação Financeira importante? Porquê? Sim, para não termos problemas com gastos e não superarmos o limite, portanto do seu limite.

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

A EFC permite que os sujeitos tomem decisões assertivas e conscientes sobre suas finanças, assim como, promove a leitura e escrita do mundo financeiro, oportunizando aos jovens, adultos e idosos, uma compreensão significativa de implicações éticas, sociais, culturais e estruturais deste sistema. Apesar dessas vantagens, ainda existem desafios para se trabalhar com a EF no contexto escolar, em diálogo com a educadora, ela expõe que na sua opinião, uma das maiores dificuldades é a *“falta de formação dos educadores na área, uma vez que, a maior parte dos professores que atuam em sala de aula nesse momento, são pessoas que não passaram por uma formação na perspectiva da Educação Financeira, sendo assim, os profissionais que se dispõem a abordar o tema em suas aulas, precisam se esforçar para buscar os conhecimentos a serem transmitidos e formações próprias”*.

Concordamos com a fala da educadora, uma vez que, notamos a ausência e a necessidade de formações na área, demonstrado na tese de Baroni (2021) e na dissertação de Hartmann (2021). Reiteramos ainda que, a EFC no contexto escolar, especialmente, na modalidade da EPJAI, se configura como um convite a exploração de diálogos emergentes das experiências dos educandos com as finanças, desdobrando-se em vivências educacionais que são pautadas na interdisciplinaridade e produção de conhecimento matemático, rompendo a ideia de uma Matemática neutra, que não se posiciona diante de questões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos a tecer as nossas considerações sobre este trabalho, por meio deste conselho dado pela educadora ao final da entrevista: *“os desafios para a inserção da Educação Financeira no contexto escolar são grandes, até porque somos uma geração que não teve acesso a essas informações [...], mas vale muito a pena enfrentar esses desafios, pois no final teremos a certeza de que foi possível realmente fazer a diferença na vida de alguém”*. Ficando evidente, que pensar sobre a EF no contexto escolar não é algo fácil e, quando transportamos as discussões para a EPJAI, percebemos o quão desafiador é, uma vez que, a EPJAI apresenta processos de exclusão recorrentes e exige uma reflexão e uma (re)construção da forma organizacional da escola e da prática pedagógica dos seus educadores.

Obstante a isso, entendemos sobre a necessidade de (re)pensar como abordamos diversos temas dentro da sala de aula da EPJAI, principalmente, para que esta prática seja significativa e contextualizada com a realidade dos estudantes. Neste sentido, defendemos, uma educação que seja crítica e, que, permita aos educandos, fazerem escolhas assertivas mediante o seu contexto. Vemos na EFC essa possibilidade de abordagem, visto que, ela possibilita a discussão de temas inerentes a realidade destes sujeitos.

Portanto, a partir da questão diretriz deste trabalho, a qual seja: *Qual o papel da Educação Financeira Crítica na formação de educandos da EPJAI?*, objetivamos investigar como acontece o trabalho com a EFC no contexto da EPJAI. Assim, para responder à pergunta norteadora, buscamos identificar quais os diálogos emergentes da temática abordada na aula, bem como, analisar as relações existentes entre a EF e a EMC, além de compreender qual o papel da EFC na vida dos educandos, observando a perspectiva da educadora participante da pesquisa.

No intuito de responder à questão norteadora e atingir os objetivos propostos, realizamos observações em uma aula de EF da EPJAI, esta ocorreu em uma escola da rede estadual de Ensino Médio no município de Piripá/BA. As observações feitas, permitiram que visualizássemos os diálogos emergentes a partir das temáticas trabalhadas, neste caso, a influência da propaganda e do marketing sobre os nossos hábitos financeiros, assim como, o consumo consciente. A partir destes diálogos, percebemos que a EF está presente no dia a dia dos educandos, mesmo que de maneira tímida. Eles são obrigados a lidar com o universo

monetário em todos os momentos da vida e, muitas vezes, por falta de informação não conseguem tomar decisões assertivas e conscientes diante dessa realidade. Ademais, os diálogos demonstraram que cada um dos sujeitos presentes, têm experiências e vivências que devem ser ouvidas e consideradas na discussão de temas como este.

Outrossim, buscando analisar as relações existentes entre EF e EMC, pontuamos que esses elos podem ser evidenciados quando, por exemplo, os educandos jovens e adultos, apresentam uma discussão sobre cartão de crédito, revelando conceitos matemáticos e não-matemáticos durante suas falas com a educadora. A EMC se aproxima da EF quando, há uma certa, produção de conhecimento relacionada a capacidade de análise crítica de informações financeiras, como entender o funcionamento das taxas de juros, realizar orçamentos, compreender investimentos e empréstimos, entre outros. Destarte, podemos notar ainda essas relações, a partir do momento que os participantes da pesquisa foram convidados a questionar, refletir e avaliar seus comportamentos financeiros, visto que, a EMC contribui junto a EF quanto a tomada de decisões, autonomia e empoderamento financeiro.

A EFC desempenha um papel importante na vida dos educandos, sendo demonstrado durante a entrevista com a educadora, para ela, essa oportuniza que os jovens sejam mais conscientes acerca das suas decisões envolvendo finanças, assim como, tenham uma vida financeira equilibrada. Além disso, ela defende que a EFC auxilia no desenvolvimento do pensamento crítico desses indivíduos, visto que, permite que eles reflitam sobre valores e questões sociais, ambientais, culturais e financeiros, enquanto pessoas que vivem em sociedade. Sendo assim, observamos que a EFC se revela como um processo que capacita os educandos para serem autônomos e confiantes ao lidarem com assuntos financeiros, ajudando-os a entenderem princípios de gestão consciente do dinheiro.

Destarte, ressaltamos que, o trabalho com a EFC no contexto da EPJAI, deve ser pautado no diálogo, já que, estes educandos possuem experiências e vivências próprias do modo de pensar financeiro, cabendo ao educador mediar as discussões que permeiam esse ambiente. Além disso, para um melhor entendimento e uma aprendizagem significativa, destacamos a importância da utilização das tecnologias digitais, visto que, como apresentado durante a prática pedagógica, estas potencializaram os diálogos, aqui não nos referimos somente ao uso de vídeos, mas também, de planilhas eletrônicas, calculadoras, até mesmo o celular. Estes meios, favorecem uma prática docente dialógica, além de uma aproximação do sujeito com a sua realidade.

Consoante a isso, os resultados obtidos nessa pesquisa, nos direcionam para um lugar de reflexão, é fundamental que reflitamos sobre a nossa prática pedagógica no contexto da EPJAI, ou seja, como devemos abordar conteúdos e temas para que estes estejam relacionados com a realidade dos sujeitos que compõem essa modalidade? De que forma podemos trabalhar com a EF, para que ela, possa auxiliar na construção do pensamento crítico desses educandos? São questionamentos que evidenciam a necessidade de discussões sobre estas temáticas no âmbito da Educação Matemática, gerando possibilidades de aprofundamentos com vistas às experiências dos participantes da pesquisa.

Além disso, notamos nas falas da educadora sobre a ausência de formações no contexto da EF, deixamos então, como sugestões para futuras investigação o porquê de não ofertar tópicos relacionados a EF na formação inicial de educadores matemáticos, uma vez que, os documentos norteadores das práticas pedagógicas da Educação Básica, inferem que os educadores devem trabalhar a temática na sala de aula. Portanto, a partir do exposto, compreendemos a pertinência de discussões sobre a EF na perspectiva da EMC, no âmbito da formação inicial.

Por fim, destacamos as potencialidades do trabalho com a EFC no contexto da EPJAI. Esta temática aproxima os educandos da sua realidade, como também, possibilita um ensino interdisciplinar, uma vez que, é possível discutir diversos outros temas a partir dela. A EFC, permite que os sujeitos compreendam e expressem suas considerações sobre o mundo financeiro, viabiliza o entendimento sobre questões éticas, sociais, culturais e estruturais do sistema, promovendo assim, habilidades para que os indivíduos sejam capazes de tomar decisões assertivas e conscientes no âmbito financeiro pessoal e/ou em sociedade. Ademais, propomos uma EFC com pessoas jovens, adultas e idosas, na qual, estas tenham suas experiências e vivências validadas, pois estão inseridos no mundo financeiro desde a infância e fazem uso e participam deste sistema todos os dias, tendo em vista ainda que, a educação “[...] não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2021b, p. 116). Nesta direção podemos pensar numa Educação Matemática com pessoas jovens, adultas e idosas, conforme orientado por Silva (2020).

REFERÊNCIAS

ALRØ, H.; SKOVSMOSE, O. **Diálogo e Aprendizagem em Educação Matemática**. Trad. Orlando de A. Figueiredo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 160 p.

BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. **Documento curricular referencial da Bahia para as modalidades**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

BARONI, A. K. C. **Educação Financeira no contexto da Educação Matemática: possibilidades para a formação inicial do professor**. 2021. 254 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2021.

BAUMANN, Z. **Vida para o Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010**. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Brasília, DF, dez. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm. Acesso em: 25 out. 2023.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira – Plano diretor da ENEF**. 2011. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Plano-Diretor-ENEF-Estrategia-Nacional-de-Educacao-Financeira.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. (3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental). Brasília: MEC, 1998a. Disponível em: [Capa de Matemática \(mec.gov.br\)](http://mec.gov.br). Acesso em: 01 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Transversais**. Brasília: MEC, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2023.

CARRANÇA, T. Brasil bate recorde de endividados: ‘Com nome sujo, a gente não é nada’. **BBC News Brasil**, São Paulo, 16 fev. 2023. Economia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c257e50r9rlo>. Acesso em: 18 set. 2023.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa-: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Penso Editora, 2021.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FONTES, B. C. **Vídeo, Comunicação e Educação Matemática: um olhar para a produção dos licenciandos em matemática da educação a distância**. 2019. 187 p. (Mestrado em

Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GOMES, V. M. L. R.; ANDREONI, R. “O que você faz para ser feliz?”: reflexões sobre a felicidade e a memória no discurso publicitário. **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 03, 2017.

HARTMANN, A. L. B. **A Educação Financeira nos cursos de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual Paulista – UNESP**. 2021. 183 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2021.

MANSANO, S. R. V.; LIMA, A. B. “É melhor viver do que ser feliz”: felicidade, idealização e consumo. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 193, p. 78-91, 2017.

MAZZI, L. C.; BARONI, A. K. C. Diálogos possíveis entre Educação Financeira e Educação Matemática Crítica. *In*: Baroni, A. K. C.; HARTMANN, A. L. B.; CARVALHO, C. C. S. **Uma abordagem crítica da Educação Financeira na formação do professor de matemática**. Curitiba: Appris, 2021. p. 37-53.

LEFFLER, R. **Educação financeira: um estudo de caso na formação inicial de professores de matemática**. 2019. 224 p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

LÜKDE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**, São Paulo: EPU, 1986.

MAZZI, L. C.; BARONI, A. K. C. Diálogos possíveis entre Educação Financeira e Educação Matemática Crítica. *In*: Baroni, A. K. C.; HARTMANN, A. L. B.; CARVALHO, C. C. S.

Uma abordagem crítica da Educação Financeira na formação do professor de matemática. Curitiba: Appris, 2021. p. 37-53.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies.** 2005a.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness.** Directorate for Financial and Enterprise Affairs. 2005b. Disponível em: [Microsoft Word - C_2005_55.REV2 Internet English.doc \(oecd.org\)](#). Acesso em: 12 set. 2023.

PERES, P. V. **As inter-relações dos pensares matemáticos e financeiros na educação, como um desafio transdisciplinar.** 2019. 114 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Anhanguera de São Paulo, Pirituba, 2019.

ROSSETO, J. C. et. al. Educação Financeira Crítica: uma prática pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, v. 15, n. 2, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/74215>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SANTIAGO, M. S. **Educação financeira no Livro Didático de Matemática (LDM): concepção docente e prática pedagógica.** 2019. 127 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Educação Financeira na Escola: A perspectiva da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Boletim GEPEM**, v. 66, p. 3-19, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/gepem/article/view/44/31>. Acesso em: 18 set. 2023.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. *In: Encontro Nacional de Educação Matemática*, v. 11, p. 1-17, 2013, Curitiba. **Anais do XI ENEM.** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

SILVA, G. J. N. da; SANTOS, V. C.; SILVA, J. N. D. da. Ensino de Matemática e Formação Inicial de Professores: uma experiência com redes sociais. **INTERMATHS**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 304-318, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/intermaths/article/view/9808>. Acesso em: 01 set. 2023.

SILVA, J. N. D. **Tecnologias Digitais na Educação Matemática com Jovens e Adultos: um olhar para o CIEJA/Campo Limpo.** 2020. 150p. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2020.

SKOVSMOSE, O. **Desafios da reflexão em Educação Matemática Crítica.** Campinas: Papyrus, 2008.

SKOVSMOSE, O. **Educação Crítica: incerteza, matemática, responsabilidade.** São Paulo: Cortez, 2007.

SKOVSMOSE, O. **Educação Matemática Crítica**: a questão da democracia. Campinas: Papirus, 2001.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à Educação Matemática Crítica**. Campinas: Papirus, 2014.

STRECK, D.; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 3 ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

APÊNDICES

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezada Educadora,

O presente roteiro de entrevista tem por finalidade produzir informações para compreender o impacto da Educação Financeira Crítica na vida dos educandos na sua perspectiva como educadora, objetivo específico do trabalho que tem como intuito responder ao questionamento: *Qual o papel da Educação Financeira Crítica na formação de educandos da EPJAI?* Os registros serão feitos preservando-se a identidade da participante da pesquisa.

Esclarecemos que, o acesso aos registros dos dados será exclusivo dos pesquisadores, cuja divulgação parcial se restringirá às ocasiões relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa, ou seja, as informações provenientes da análise desses dados poderão ser utilizadas pelos pesquisadores em publicações, eventos científicos e texto do estudo e divulgadas a todos aqueles que se interessarem pela pesquisa, na forma acima indicada. Entretanto, o seu nome não será divulgado, pois será utilizado um nome fictício.

Vitória da Conquista, 15 de novembro de 2023

Gabriela Jade Novais da Silva, e-mail: gabrielajadel.novais@gmail.com

Jonson Ney Dias da Silva, e-mail: jonson.dias@uesb.edu.br

Declaro que,

- Minha participação é voluntária;
- Estou ciente também que não terei despesas e que não serei remunerado por esta participação;

- Entendo que o estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados serão inseridos no relatório do projeto e que futuramente poderão ser incluídos em publicações, garantindo sempre anonimato;
- Concordo em participar da pesquisa.

Li e concordo em participar da entrevista? **(x) Sim** **() Não**

Apêndice 2: Questionário desenvolvido para produção dos dados

<i>Questionário</i>	
<i>Pergunta 1</i>	Qual o seu gênero? <ul style="list-style-type: none"> • Masculino • Feminino • Outro
<i>Pergunta 2</i>	Como você se autodeclara? <ul style="list-style-type: none"> • Branco (a) • Preto (a) • Pardo (a) • Amarelo (a) • Indígena
<i>Pergunta 3</i>	Você trabalha? Se sim, qual a sua profissão?
<i>Pergunta 4</i>	Qual a sua renda mensal, aproximadamente? <ul style="list-style-type: none"> • Menor que um salário mínimo • Igual a um salário mínimo • Maior que um salário mínimo
<i>Pergunta 5</i>	Você faz compras com qual frequência? <ul style="list-style-type: none"> • Sempre • Quase sempre • Quase nunca • Nunca
<i>Pergunta 6</i>	Você ou seus pais costumam fazer lista de compras quando vão ao supermercado? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não • Às vezes
<i>Pergunta 7</i>	Você costuma comprar coisas que não precisa? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não • Às vezes
<i>Pergunta 8</i>	Você costuma fazer pesquisa de preços antes de comprar um produto? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não • Às vezes
<i>Pergunta 9</i>	Você se deixa influenciar facilmente pelos meios de comunicação (redes sociais, televisão, etc) para comprar algo? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não

	<ul style="list-style-type: none"> • Às vezes
<i>Pergunta 10</i>	Você se acha impulsivo na hora de fazer compras? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não • Às vezes
<i>Pergunta 11</i>	Você costuma registrar tudo o que gasta diariamente e/ou mensalmente (incluindo os gastos pequenos) para conhecer melhor os seus hábitos financeiros? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não
<i>Pergunta 12</i>	Você sabe quanto gasta por mês? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não
<i>Pergunta 13</i>	Caso a resposta da pergunta anterior seja sim, esse valor ultrapassa a sua renda mensal? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não
<i>Pergunta 14</i>	Você faz uso do cartão de crédito? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não
<i>Pergunta 15</i>	Se faz uso do cartão, já pagou suas faturas com atrasos? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não
<i>Pergunta 16</i>	Você planeja o uso do seu dinheiro? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não
<i>Pergunta 17</i>	O que é Educação Financeira para você?
<i>Pergunta 18</i>	Você considera a Educação Financeira importante? Porquê?
<i>Pergunta 19</i>	Quase sempre as mídias sociais (redes sociais, TV, etc) reproduzem a imagem de que felicidade está relacionada ao consumo. Você considera que estas mídias realmente influenciam nossos hábitos de consumo? Se sim, de que maneira?
<i>Pergunta 20</i>	Você vê diferença entre os gastos dos homens e das mulheres? Na sua opinião, quem gasta mais? Justifique.

Apêndice 3: Plano de Aula

Nível de ensino: Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas

Série/Tempo: Juvenil

Duração: 2h/aula

Tema: Como estamos nos comportando financeiramente?

Objetivo geral: Compreender conceitos de juros simples e compostos por meio de discussões relacionadas a Educação Financeira Crítica.

Objetivos específicos:

- Estabelecer relações entre os juros simples e compostos com o cotidiano;
- Identificar o comportamento financeiro dos educandos;
- Analisar como a Educação Financeira impacta de forma crítica na vida dos educandos;

Conteúdos: Juros simples e compostos.

Procedimentos metodológicos:

Etapa 1: Apresentar algum dos vídeos: “Explosão de Felicidade” - propaganda da Coca-Cola: <https://www.youtube.com/watch?v=7MVGkb77IrI> ou “Pão de Açúcar Feliz” - propaganda da Pão de açúcar: <https://www.youtube.com/watch?v=4cFLPHiCusE> ou, ainda, “#ProDiaNascerFeliz” - propaganda da Doriana: https://www.youtube.com/watch?v=7_qc_HsTBc. Após mostrar as propagandas, conversar com os educandos brevemente, indagando sobre suas percepções acerca dos vídeos e qual a influência das propagandas em nossas vidas.

Etapa 2: Nesta etapa, os educandos devem responder um breve questionário sobre seu comportamento financeiro.

Etapa 3: Quando todos os educandos responderem o questionário, fazer uma rápida discussão sobre a maneira que estamos consumindo e sobre a importância do consumo consciente.

Etapa 4: Neste momento, deve-se fazer uma retomada sobre os conteúdos de juros simples e compostos relacionando-os com o nosso consumo atual (Aqui podemos citar sobre o funcionamento do cartão de crédito, suas vantagens e os seus perigos).

Etapa 5: Após relembrar os conceitos necessários, os estudantes, separados em dupla, irão realizar a atividade proposta (caso dê tempo).

Etapa 6: Fazer uma retomada sobre a importância de se discutir o consumo, para que ele seja consciente, como também, acerca da Educação Financeira, que possibilita o desenvolvimento da criticidade com relação à tomada de decisões.

Atividade a ser desenvolvida:

Atividade 1) Formulário inicial.

Atividade 2) (SUGESTÃO)

1. (Muniz; Rodrigues; Victor, 2018)¹⁴ Constatamos que o empréstimo de dinheiro se trata de uma situação de uso corrente. Nesse sentido, sabemos que quando emprestamos algo a alguém demonstramos confiança. É comum aos cidadãos pedir empréstimos bancários e, também, a outras pessoas. Assim, ao emprestarmos dinheiro, além de receber o valor emprestado, no tempo combinado para devolvê-lo, esperamos receber um acréscimo em cima desta quantia, ou seja, um juro cobrado pelo tempo em que o dinheiro ficou em posse de outro. Os juros existem por vários fatores, podemos citar, por exemplo, a inflação – que faz com que o dinheiro sofra desvalorização com o tempo. Com isso, o dinheiro emprestado tende a diminuir o seu valor durante o período do empréstimo. Caso alguém empreste R\$ 500,00 para outra pessoa num determinado dia e ao recebê-lo de volta após um ano, o que esta pessoa compraria com a mesma quantia não será a mesma coisa que poderá comprar depois de um ano; é sempre menos. Por esse motivo, pelos riscos de quem empresta,

¹⁴ Muniz, C. M. O.; Rodrigues, C. K.; Victor, E. F. **Sugestões de Atividades de Educação Financeira para o Ensino:** Material de apoio para práticas pedagógicas de professores de Matemática. 1ª ed. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2018.

existem os juros para compensar os possíveis prejuízos que a pessoa ou a instituição financeira pode vir a ter com a operação de empréstimo.

a) A partir do texto acima, enumere os possíveis riscos que um cidadão ou um banco podem ter ao adquirir um empréstimo financeiro.

b) Por qual motivo as pessoas pagam juros quando compram um produto a prazo? Qual seu posicionamento a respeito desta transação? Há uma operação de empréstimo?

2. Após sofrer um acidente, na qual corria risco de morte, Joana decidiu que iria comemorar o seu aniversário de 27 anos para celebrar a vida, ela resolveu então, oferecer uma grande festa para os seus amigos e familiares. Para isso, Joana resolveu fazer um empréstimo bancário de R\$ 9.000,00 para pagar em 120 dias, com acréscimo mensal de 5%. Pelo empréstimo que Joana optou por fazer, quanto ela devolverá ao banco ao final desses 120 dias? E caso, ela devolva esse valor com 30 dias de antecedência, quanto devolverá?

Apêndice 4: Entrevista realizada com a educadora

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da entrevista: 17 de novembro de 2023

Conhecendo um pouco mais sobre a entrevistada

Idade: 39 ANOS

Qual a sua formação acadêmica?

Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, especialista em Ensino de Matemática, especialista em Matemática, especialista em Gestão Escolar, mestre em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, professora da Educação Básica (Fundamental II e Ensino Médio).

Há quanto tempo leciona? E em específico, na EPJAI?

Atuo como professora da educação básica há 17 anos, sendo que lecionei para o EPJAI no Ensino Fundamental por cerca de 7 anos e para EPJAI – médio esse é o primeiro ano de atuação.

Quantas vezes já ministrou a eletiva/itinerário formativo de Educação Financeira?

A eletiva de educação financeira foi oferecida pela primeira vez nesse ano de 2023, sendo elaborada e ministrada por mim.

Perguntas específicas direcionadas para a Educação Financeira

Na sua opinião, o que é Educação Financeira?

A educação financeira compreende todos os aspectos relacionados em como o indivíduo se relaciona em sociedade, desde as suas decisões para uma vida financeira equilibrada como para uma vida sustentável em sociedade.

Enquanto educadora, como você enxerga a Educação Financeira? E como cidadã?

Conhecer um pouco de educação financeira é primordial na vida de qualquer pessoa, e poder oportunizar aos jovens esse conhecimento faz com que o nosso papel de educador se torne ainda mais prazeroso. Como cidadã vejo uma oportunidade de ter jovens mais conscientes e com uma vida financeira equilibrada.

Para você, é importante a inserção da Educação Financeira nas escolas? Por quê?

A sala de aula não é um espaço em que deve se trabalhar apenas temas engessados, mas sim um espaço onde devemos discutir temas de diversas naturezas, especialmente aquelas que impactam diretamente na sua vida.

Especificamente na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, qual a relevância (potencial) das discussões que permeiam a Educação Financeira?

Especificamente na educação de pessoas jovens, adultas e idosas as reflexões na perspectiva da educação financeira permitem que os alunos possam refletir sobre a sua realidade, buscando melhorar aspectos simples, mas que se tornam problemas em suas vidas pela falta de conhecimento.

Qual o impacto da Educação Financeira na vida dos educandos?

O conhecimento financeiro pode fazer dos nossos jovens estudantes pessoas bem sucedidas em vários aspectos, desde que apliquem os conhecimentos na sua vida, pois sabe-se que problemas financeiros tem muitos impactos sociais e emocionais.

Você acredita que a Educação Financeira pode auxiliar no desenvolvimento do pensamento crítico dos educandos? Se sim, de que forma?

Sim. Através da educação financeira podemos levar os estudantes a refletirem sobre valores sociais, ambientais e financeiros na sua vida enquanto indivíduo que vive em sociedade.

Para você, como educadora matemática, quais são as temáticas possíveis de discussão dentro das aulas de Educação Financeira?

Os principais temas a serem abordados são: orçamento financeiro pessoal e familiar, consumo e consumismo, forma de crédito, investimentos, impactos de juros na vida das pessoas, dentre outros.

Há diferença(s) entre Educação Financeira e Matemática Financeira? Se sim, qual(is)?

Há sim diferença entre a educação financeira e a matemática financeira, pois enquanto a primeira aborda questões de aspectos sociais, ambientais e comportamento financeiro, o segundo só nos traz ferramentas para lidar com questões de aspectos financeiros.

Como podemos estabelecer relações entre a Educação Financeira e a Educação Matemática Crítica na sala de aula?

A educação financeira por si só já é uma abordagem de matemática crítica, pois permite que o aluno insira os seus conhecimentos na aula e reflitam sobre as suas ações buscando melhorá-las.

Quais as vantagens de se aprender sobre finanças no ambiente escolar?

Permitir a formação integral de cidadãos que conseguem aplicar os seus conhecimentos adquiridos em sala de aula na sua vida cotidiana, e assim permitindo que a educação alcance um dos seus objetivos, que é o conhecimento aplicado.

A decisão de trabalhar com a eletiva de Educação Financeira partiu de ti? Se sim, por que a escolheu?

Desde que iniciamos o processo do novo ensino médio com a oferta dos itinerários formativos/eletivas que decidi trabalhar com a eletiva de educação financeira, pois precisamos oportunizar debates de temas importantes e que façam sentido na vida dos nossos estudantes, o meu despertar se deu após a participação no torneio de educação

financeira e desde então venho buscando abordar de alguma forma esse tema nas minhas aulas.

Quais as maiores dificuldades ao se trabalhar a Educação Financeira nas escolas?

A falta de formação dos educadores na área, uma vez que a maior parte dos professores que atuam em sala de aula nesse momento são pessoas que não passaram por uma formação na perspectiva da educação financeira, sendo assim os profissionais que se dispõem a abordar o tema em suas aulas precisam se esforçar para buscar os conhecimentos a ser transmitidos e formações próprias.

Qual conselho você daria para um educador que deseja trabalhar com Educação Financeira?

Os desafios para a inserção da educação financeira são grandes, até porque somos uma geração que não teve acesso a essas informações, porém existem diversos cursos que podem ser realizados para se preparar para atuar em sala de aula. Vale muito a pena enfrentar esses desafios, pois no final teremos a certeza de que foi possível realmente fazer a diferença na vida de alguém.